

MAI-JUN 2017

Ministério

Uma revista para pastores e líderes de igreja

Exemplar avulso: R\$ 14,98



ESGOTADO

Quando o líder cristão
chega ao limite



Ponto de equilíbrio

A rotina de pastores e líderes cristãos é, no mínimo, intensa. Uma “lista básica” de atribuições inclui visitação; aconselhamento conjugal e familiar; assistência a enfermos; funerais; reuniões administrativas; gerenciamento de conflitos; estudo, preparo e apresentação de sermões e capacitações; estudos bíblicos; evangelismo; pequenos grupos; construções e reformas; representação da igreja junto à comunidade; mobilização para projetos sociais; participações em eventos, camporais, reuniões campais e vigílias... e a relação não acaba aqui. Se fossem colocados todos os itens e suas ramificações, esta página talvez fosse insuficiente para conter todas as responsabilidades pastorais que recaem sobre nós, ministros do Senhor.

Além da preocupação com os assuntos ligados à igreja, temos outra faceta que às vezes acaba sendo esquecida por muitos: somos seres humanos. Como tais, lidamos com nossos dramas pessoais, com os desafios da vida familiar, com as preocupações do contexto social, econômico e político em que vivemos e com aspectos relacionados ao nosso desenvolvimento espiritual. A soma dos elementos pessoais e ministeriais mencionados é suficiente para demonstrar um pouco da carga que recai sobre nós, e também para começar a entender qual seja a origem do esgotamento que tem vitimado muitos.

A síndrome de burnout (do inglês, *burn out*, esgotar, apagar) ou esgotamento é uma condição que vem sendo investigada pela psicologia há cerca de 50 anos. O pioneiro do estudo, Herbert Freudenberger, lidava com a recuperação de toxicod dependentes quando notou algo que lhe chamou atenção: com o tempo, os voluntários que trabalhavam com ele em favor dos dependentes químicos demonstraram sinais de apatia, estafa e depressão, apresentando uma condição tão carente de atenção psicológica quanto os próprios pacientes por quem trabalhavam. A partir dessa percepção, Freudenberger deu início a pesquisas referentes à síndrome que, geralmente, atinge pessoas que se dedicam ao cuidado de outras.

As estatísticas relacionadas à incidência de burnout em pastores, especialmente na América do Sul, são incertas. Alguns sites dedicados ao assunto apresentam

números assustadores; porém, carecem de uma base cientificamente comprovada. Para além de dados pessoais e frios, a convivência e as conversas informais e privadas com colegas de ministério indicam que muitos estão à beira da exaustão, se já não se apagaram completamente.

No centro dessa condição, encontra-se o desequilíbrio entre “dar” e “receber”. Como pastores do rebanho, corremos o risco de ir a extremos para atender a todas as demandas, sejam elas quais forem, a fim de não permitir a frustração de membros, familiares, superiores ou até de nós mesmos. Como resultado, podemos nos tornar líderes apáticos, frios, desmotivados, insatisfeitos e que perderam o sentido do ministério e da vida.

O antídoto contra o burnout está na busca intencional por uma vida equilibrada. Para isso, é necessário reconhecer que o equilíbrio da vida passa pelo domínio do tempo. Salomão afirmou: “para tudo há uma ocasião certa; há um tempo certo para cada propósito debaixo do céu” (Ec 3:1). Se quisermos fazer tudo em todo tempo, em breve não faremos nada em tempo algum! Por isso, reflita sobre estas perguntas: Quanto tempo você dedica à sua vida espiritual (oração, estudo da Bíblia, reflexão)? Quanto tempo você investe em seu relacionamento familiar? Quanto tempo você destina ao desenvolvimento de amizades edificantes? Quanto tempo você gasta no cuidado com a saúde? Quanto tempo você separa para momentos de lazer e descanso? Quanto tempo você aplica em seu desenvolvimento intelectual? Quanto tempo você dedica às atividades ministeriais?

Quando definimos as prioridades certas e dedicamos o tempo adequado para cada uma delas, caminhamos em direção ao equilíbrio entre “dar” e “receber”, que mantém nossa sanidade. Por fim, jamais deveríamos nos esquecer de que também se aplica a nós a promessa de Cristo: “Eu vim para que tenham vida, e a tenham plenamente” (Jo 10:10). **TV**



O antídoto contra o burnout está na busca intencional por uma vida equilibrada. Para isso, é necessário reconhecer que o equilíbrio da vida passa pelo domínio do tempo.”



William de Moraes

Wellington Barbosa, doutorando em Ministério (Andrews University), é editor da revista Ministério

10 Eles também sofreram

Merlinton P. de Oliveira

Como os personagens bíblicos lidaram com o esgotamento?

14 Entre alegrias e angústias

Felipe Mancilha Gondim e Luiz Carlos Lisboa Gondim

A importância da assistência psicológica na dinâmica do trabalho pastoral

17 Criando hábitos saudáveis

Matthew Kim

Previna-se do esgotamento adotando um estilo de vida equilibrado

20 Provação no deserto

Pablo Rotman Garrido

Um estudo a respeito do caráter de Deus, a partir de Números 21:4 a 9

23 Deus em questão

John C. Peckham

O papel do questionamento teológico para o crescimento espiritual

26 Discipulado na prática

Helder Roger e Everon Donato

As características que identificam as igrejas discipuladoras na América do Sul

30 Imprudência digital

Felipe Lemos

Princípios para proteger a reputação da igreja nas redes sociais



10

2 Editorial

4 Espaço do leitor

5 Panorama

6 Entrelinhas

7 Entrevista

32 Pastor com paixão

33 Dia a dia

34 Recursos

35 Palavra final



14



20

Ministério

Uma publicação da Igreja Adventista do Sétimo Dia

Ano 89 – Número 531 – Mai/Jun 2017

Periódico Bimestral – ISSN 2236-7071

Editor Wellington Barbosa

Editor Associado Márcio Nastrini

Revisora Josiéli Nóbrega

Projeto Gráfico Levi Gruber
Capa Pathdoc / Fotolia

Ministério na Internet

www.revistaministerio.com.br

www.facebook.com/revistaministerio

Twitter: @MinisterioBRA

Redação: ministerio@cpb.com.br

Conselho Editorial Carlos Hein; Lucas Alves; Adolfo Suarez, Jerry Page; Jeffrey Brown

Colaboradores Alberto Peña; Arildo Souza; Cícero Gama; Cornelio Chinchay; Edilson Valiante; Efrain Choque; Evaldino Ramos; Geraldo M. Tostes; Ivan Samojluk; Jadson Rocha; Jair G. Góis; Luis Velásquez; Mitchel Urbano; Ralides Nascimento; Rubén Montero; Tito Valenzuela



CASA PUBLICADORA BRASILEIRA

Editora da Igreja Adventista do Sétimo Dia

Rodovia SP 127 – km 106

Caixa Postal 34 – 18270-970 – Tatuí, SP

Diretor-Geral José Carlos de Lima

Diretor Financeiro Uilson Garcia

Redator-Chefe Marcos De Benedicto

Chefe de Arte Marcelo de Souza

SERVIÇO DE ATENDIMENTO AO CLIENTE

Ligue Grátis: 0800 979 06 06
Segunda a quinta, das 8h às 20h
Sexta, das 7h30 às 15h45
Domingo, das 8h30 às 14h
Site: www.cpb.com.br
E-mail: sac@cpb.com.br

Assinatura: R\$ 72,70
Exemplar Avulso: R\$ 14,98



Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio, sem prévia autorização escrita do autor e da Editora.

Tiragem: 6.000

5935 / 36077

Além da sementeira

Parabéns pela edição sobre plantio de igrejas (1º bim/17). Acredito que cada vez mais precisamos crescer nesse aspecto. Foi comprovado que novas igrejas crescem muito mais do que igrejas estabelecidas há anos. O plantio de igrejas é saudável para o membro inativo, para a igreja que envia, para o bairro ou a cidade em que uma nova congregação é plantada e, por fim, acima de tudo, essa iniciativa cumpre com exatidão o “ide” ordenado por Jesus. Que as Associações e os membros criem uma cultura de plantio de igrejas que plantam outras igrejas.

Everaldo Carlos
São Paulo, SP

O pastor-teólogo

A *Ministério* do 2º bimestre está muito interessante. Os artigos estão excelentes e a abordagem direta dos autores sobre a Bíblia e sua interpretação está atraente. Nos dias atuais, precisamos de temas abordados assim, com clareza e profundidade. Os assuntos tratados são relevantes para cada cristão do século 21; contudo, cabe a nós, líderes, compartilhá-los com o povo de Deus. Creio que todo pastor ou líder que despreza os temas apresentados nessa edição não estará apto a preparar o povo que está sob sua responsabilidade para os eventos que antecedem a segunda vinda de Cristo.

Heber Toth Armí
Fraiburgo, SC

A salvação de Israel

A *Ministério* tem sido uma excelente ferramenta para pastores e líderes cristãos. Gostei da exegese de Romanos 11 feita por Kim Papaioannou (“Todo o Israel será salvo”, 2º bim/17). O autor foi muito claro em sua argumentação, e seu material contribuirá para o preparo de sermões. Conclui-se: “Todo o Israel: totalidade do povo de Deus ao longo dos séculos.” Que visão gloriosa! Deixo como sugestão a necessidade de reforçar o chamado para o reavivamento e reforma que devem ocorrer entre o povo de Deus, a começar pelos ministros (Jl 2:17).

Carlos José de Lima
Passos, MG

Contribua com a **Ministério**

A revista *Ministério* é um periódico internacional editado e publicado bimestralmente pela Casa Publicadora Brasileira, sob supervisão da Associação Ministerial da Divisão Sul-Americana da Igreja Adventista do Sétimo Dia. A publicação é dirigida a pastores e líderes cristãos.

Orientações aos escritores

Procuramos contribuições que representem a diversidade ministerial da América do Sul. Diante da variedade de nosso público, utilize palavras, ilustrações e conceitos que possam ser compreendidos de maneira ampla.

A *Ministério* é uma revista *peer-review*. Isso significa que os manuscritos, além de serem avaliados pelos editores, poderão ser encaminhados a outros especialistas sobre o tema que seu artigo aborda.

Áreas de interesse

- Crescimento espiritual do ministro.
- Necessidades pessoais do ministro.
- Ministério em equipe (pastor-esposa) e relacionamentos.
- Necessidades da família pastoral.
- Habilidades e necessidades pastorais, como administração do tempo, pregação, evangelismo, crescimento de igreja, treinamento de voluntários, aconselhamento, resolução de conflitos, educação contínua, administração da igreja, cuidado dos membros e assuntos relacionados.
- Estudos teológicos que exploram temas sob uma perspectiva bíblica, histórica ou sistemática.

- Liturgia e temas relacionados, como música, liderança do culto e planejamento.
- Assuntos atuais relevantes para a igreja.

Tamanho

- Seções de uma página: até 4 mil caracteres com espaço.
- Artigos de duas páginas: até 7,5 mil caracteres com espaço.
- Artigos de três páginas: até 11,5 mil caracteres com espaço.
- Artigos solicitados pela revista poderão ter mais páginas, de acordo com a orientação dos editores.

Estilo e apresentação

- Certifique-se de que seu artigo se concentra no assunto. Escreva de maneira que o texto possa ser facilmente lido e entendido, à medida que avança para a conclusão.
- Identifique a versão da Bíblia que você usa e inclua essa informação no texto. De forma geral, recomendamos a versão Almeida Revista e Atualizada, 2ª edição.
- Ao fazer citações bibliográficas, insira notas de fim de texto (não notas de rodapé) com referência completa. Use algarismos arábicos (1, 2, 3).
- Utilize a fonte Arial, tamanho 12, espaço 1,5, justificado.
- Informe no cabeçalho: Área do conhecimento teológico (Teologia, Ética, Exegese, etc.), título do artigo, nome completo, graduação e atividade atual.
- Envie seu texto para: ministerio@cpb.com.br. Não se esqueça de mandar uma foto de perfil para identificação na matéria.

Donos do tempo?

Saber administrar o tempo tem se tornado fundamental neste mundo dinâmico e repleto de desafios. Pastores e líderes religiosos não estão isentos dessa necessidade. Ao contrário! Diante das variadas responsabilidades que estão nas mãos dos ministros, saber gerir os minutos de maneira eficaz torna-se um imperativo.

Uma pesquisa realizada em 2016 pela Sepal/Envisionar identificou as oito atividades que tomam mais tempo de pastores e líderes de diferentes igrejas evangélicas do Brasil. Os entrevistados podiam escolher, entre 20 itens, as tarefas que mais consumiam seu tempo. Os resultados indicam que o ministério anda sobrecarregado e limitado a questões urgentes, e não tem tempo de pensar na igreja a longo prazo. Confira:



Fonte: Sepal/Envisionar, *Como os Pastores Investem o Seu Tempo?*, <sepal.org.br>, janeiro de 2017.

Barnabé, o encorajador

Geralmente somos atraídos por personalidades caracterizadas por grandes feitos, que deixaram marcas carregadas de emoções, dramas, lutas e vitórias. Contudo, há também aqueles que são lembrados por sua atenção e seu compromisso em desenvolver pessoas. Entre tantos personagens da Bíblia, quero destacar Barnabé, um homem que cuidava de gente.

Barnabé é mencionado pela primeira vez em Atos 4:36, 37, quando fez uma doação significativa à igreja, que crescia repleta de desafios e necessidades. Um detalhe que chama atenção nessa história é o fato de que seu nome foi mudado pelos apóstolos, de José para Barnabé, que significa “encorajador”. Essa mudança pode provocar alguns questionamentos: Quais características Barnabé possuía para ser chamado assim? A quem ele encorajava? De que maneira ele fazia isso? Sem dúvida, sua experiência ao discipular Paulo ajuda a responder essas perguntas. Nesse contexto, podemos destacar quatro princípios de encorajamento.

Aceitação. “Então Barnabé o levou aos apóstolos e lhes contou como, no caminho, Saulo vira o Senhor, que lhe falara, e como em Damasco ele havia pregado corajosamente em nome de Jesus” (At 9:27). Havia muita resistência quanto à conversão de Paulo. Sobre ele reprovavam acusações e muita desconfiança; entretanto, Barnabé acreditou nele e o aceitou. Com convicção, apresentou o novo convertido à liderança da igreja, assumindo assim, total responsabilidade por sua conduta. Isso ilustra uma importante lição: apesar do histórico da pessoa, devemos nos esforçar para aceitá-la e vê-la como Cristo a vê, embora seus frutos ainda não tenham aparecido.

Envolvimento. “Então Barnabé foi a Tarso procurar Saulo e, quando o encontrou, levou-o para Antioquia. Assim, durante um ano inteiro, Barnabé e Saulo se reuniram com a igreja e ensinaram a muitos” (At 11:25, 26 u.p.). Note os verbos: procurar, encontrar e levar. Paulo já havia sido aceito, mas isso não bastava para Barnabé. Ele queria mais! Queria vê-lo crescer e, por isso, foi à sua procura e o envolveu na obra missionária em Antioquia. Envolver não é apenas dar oportunidade, mas estar junto no serviço, no desenvolvimento dos dons e no aperfeiçoamento do caráter.



Como líderes cristãos, não podemos limitar o êxito de nosso trabalho ao volume de atividades que realizamos nem aos resultados que obtemos, embora isso tenha seu lugar.”

Promoção. “Quando Paulo e Barnabé estavam saindo da sinagoga, o povo os convidou a falar mais a respeito dessas coisas no sábado seguinte” (At 13:42). A partir desse ponto, a ordem no texto não é Barnabé e Paulo, mas Paulo e Barnabé. Isso significa que Paulo se tornou o nome principal e assumiu a dianteira do trabalho. Investir em alguém a ponto de tornar seu campo de ação maior do que o seu e vê-lo atingir uma posição mais elevada do que a sua é algo nobre. Essa era a intenção de Barnabé, e era isso que lhe proporcionava realização.

Exemplo. “Barnabé queria levar João, também chamado Marcos. Mas Paulo não achava prudente levá-lo, pois ele, abandonando-os na Panfília, não permanecera com eles no trabalho” (At 15:37, 38). Por alguma razão, Marcos desistiu de acompanhá-los à Panfília, e Paulo não viu essa atitude com bons olhos. Por isso, fechou a porta para ele, pois, na visão do apóstolo, não se mostrara confiável. Entretanto, Barnabé defendeu Marcos e lutou por ele, a ponto de romper com Paulo. Barnabé poderia ter dito a Paulo: “Esqueceu-se de que lutei por você quando ninguém o queria por perto?” “Lembra-se de que, quando todos o rotulavam, eu acreditei em você?” Posteriormente, Paulo se arrependeu de sua atitude e considerou Marcos útil a seu ministério (2Tm 4:9-11). Sem dúvida, o exemplo de Barnabé falou ao coração do apóstolo em algum momento posterior.

Como líderes cristãos, não podemos limitar o êxito de nosso trabalho ao volume de atividades que realizamos nem aos resultados que obtemos, embora isso tenha seu lugar. Acima de tudo, precisamos nos dedicar ao desenvolvimento de pessoas, ao encorajamento daqueles que precisam de nosso ombro, nossa atenção e nosso apoio para viver à altura do chamado que receberam de Deus. Abraham Lincoln afirmou: “A maior habilidade de um líder é desenvolver habilidades extraordinárias em pessoas comuns.” Faça disso uma prática. Seja um encorajador! **IM**



Lucas Alves, mestre em Liderança (Andrews University), é secretário ministerial associado para a Igreja Adventista na América do Sul

Burnout pastoral

“Sofrer estresse ou esgotamento é algo da vida ‘moderna’. Se há alguma vergonha a ser sentida, não é pelos sintomas, mas pelo descuido para com a saúde pessoal.”

por Márcio Nastrini e Walter Steger

A incidência de pastores vítimas de esgotamento emocional tem aumentado consideravelmente em várias partes do mundo. Talvez, um dos motivos pelos quais isso tem ocorrido seja o fato de não se discutir abertamente acerca do problema. Nesta entrevista, o doutor Cesar Vasconcellos de Souza apresenta o assunto de modo franco e didático, com o objetivo de ajudar pastores e líderes cristãos que se identificam com essa condição.

Ele é médico psiquiatra, pós-graduado em Psicoterapia Breve e membro da American Psychosomatic Society. Há 26 anos é membro do *staff* médico do Hospital Adventista Silvestre, no Rio de Janeiro. Além das atividades médicas, o doutor Cesar Vasconcellos de Souza é autor de vários livros: *Consultório Psicológico* (CPB, 2001), *Saúde Total* (CPB, 2014) e *Casamento: O que é isso?* (audiolivro). Por mais de 25 anos, colabora com a revista *Vida e Saúde* e, neste ano, estreou o programa “Claramente”, na TV Novo Tempo.

Casado com Mônica Seidel de Souza, o casal tem dois filhos, Pablo e Thaís, e quatro netos.

O que é a síndrome de burnout, e quais são seus sintomas principais?

Síndrome é um conjunto de sinais e sintomas. A palavra inglesa burnout se refere a algo que deixou de funcionar por exaustão. A síndrome de burnout é decorrente do estresse que se prolonga por muito tempo, gerando esgotamento emocional e físico, quando há um estilo de trabalho e relacionamento com pessoas, em geral, desgastante, podendo incluir as relações familiares. Os indivíduos que mais sofrem esse tipo de



Daniel de Oliveira

esgotamento são os que exercem atividades profissionais que exigem envolvimento frequente e próximo com pessoas que os procuram, a fim de apresentar várias situações e problemas. As novas tecnologias, a competitividade desleal e impiedosa, a urgência na produção e na conquista de alvos, os prazos apertados, as pessoas perfeccionistas, os chefes ditatoriais, a mídia que propaga o sentimento de felicidade atrelado às conquistas, os problemas matrimoniais, entre outras causas, podem produzir esgotamento físico e emocional.

Os principais sintomas do burnout incluem cansaço constante e progressivo, dores musculares, dor de cabeça, alterações gastrointestinais, insônia, infecções, hipertensão arterial, desinteresse sexual, raciocínio lento, sentimentos de solidão e impotência, diminuição da atenção e concentração, irritabilidade, melancolia, depressão, impaciência, alterações no humor e perda de interesse pelo trabalho.

O burnout entre pastores e líderes religiosos é maior ou menor do que em outras profissões e vocações?

Numa pesquisa feita pelo *Ministério de Apoio a Pastores e Igrejas* (MAPI), envolvendo 108 líderes denominacionais, foi feita a seguinte pergunta: em quais áreas vocês sentiram que os pastores de suas denominações mais precisavam crescer? Dos nove itens listados, os participantes indicaram três: (1) Em relação a si mesmo (saúde emocional, caráter cristão), 62%; (2) Na relação com o cônjuge e os filhos, 55%; (3) Na relação com Deus, 47%. Esse estudo revelou que “a maioria dos líderes cristãos que caíram tragicamente nos últimos 10 a 15 anos sentiu-se pressionada (compelida) para o sucesso e alto rendimento num ambiente eclesial com altas demandas e forte senso de competição. [...] As disfunções que compelem líderes evangélicos muitas vezes não são detectadas e enfrentadas até que seja tarde demais” (saiba mais em <http://pastoreiodepastores.com.br>).

O esgotamento pode surgir por ambição exagerada, profunda ou desesperada necessidade de aprovação, medo de que o trabalho não esteja a contento, necessidade de sentir que está no controle o tempo todo, ou qualquer comportamento, desejo e motivação que domina de forma incontrolável.

Outro tipo de personalidade que favorece o burnout são os líderes com tendência paranoide, ou seja, os que são desconfiados, hostis, amedrontados e invejosos. Geralmente, esses indivíduos são muito sensíveis ao que os outros fazem ou dizem, e atuam com mão de ferro, algo que também favorece o estresse e possível esgotamento nas pessoas ao seu redor e sob seu comando.

Um tipo de líder que pode, ele mesmo, se esgotar é o *codependente*. A pessoa codependente assume responsabilidades por atitudes e sentimentos de outros, culpando a si mesma pelas ações inadequadas deles.

Tende a fazer tudo para não machucar as pessoas. Tolerância intolerável. Tem dificuldade em dizer “não”, quando isso seria o adequado e o melhor. É pacificadora. Como resultado, o codependente esconde os problemas e tem dificuldade de enfrentá-los. Reprime sentimentos difíceis como a raiva, o ressentimento e a frustração. Então, esgota a si mesmo.

Quais são as principais consequências do esgotamento na vida dos pastores?

Perda da força física para a realização do trabalho; estresse na família, que pode de-

Muitos membros acham que o pastor, pelo fato de ser remunerado, tem que ser um “tapete” para todos pisarem e um “trator” para resolver tudo.

sencadear nos filhos revolta contra o ministério e a igreja; e, dificuldades no casamento, pelo fato de o pastor tentar suprir todas as demandas do ministério e dos membros, que tendem a vê-lo como alguém de “mil e uma utilidades”, exigindo demais, como se ele fosse um semideus. Muitos membros acham que o pastor, pelo fato de ser remunerado, tem que ser um “tapete” para todos pisarem e um “trator” para resolver tudo.

Muitos desenvolvem depressão como reação ao esgotamento. A depressão é um sinal de que há perdas, impotências que não estão sendo respeitadas, talvez pela própria pessoa, e necessidade de lamentar,

chorar, pedir apoio a alguém que possa ouvi-la, compreendê-la, acolhê-la em sua dor, luta e desgaste emocional. Já ouvi muitos sermões sobre Filipenses 4:13, que diz: “Tudo posso naquele que me fortalece”, mas nunca ouvi um pastor citar o verso seguinte (v. 14), no qual Paulo menciona como foi bom receber ajuda durante o período de aflição que ele passou!

É aconselhável manter essa situação em sigilo perante as igrejas?

Sim. Os problemas de saúde do pastor devem ser mantidos em privacidade. Alguns membros talvez não saibam lidar com o sofrimento dos outros e não entenderão os detalhes do que ocorre na vida emocional de seu pastor. Pode-se dizer algo bem simples e geral sobre a saúde do ministro, algo como “estresse”, e basta.

Pastores que sofrem com o burnout se sentem culpados por não estar desenvolvendo eficazmente o ministério e temem compartilhar a situação com seus líderes. O que a liderança pode fazer para ajudá-los?

Sofrer estresse ou esgotamento é algo da vida “moderna”. Se há alguma vergonha a ser sentida, não é pelos sintomas, mas pelo descuido para com a saúde pessoal. Cientistas que estudam

e pesquisam sobre o burnout mencionam três momentos para a manifestação desse esgotamento: (1) quando as exigências do trabalho são maiores do que os recursos em geral, e produzem estresse; (2) quando a pessoa se esforça para se adaptar ao que está ocorrendo em termos de estresse, mas surgem sinais de fadiga, tensão, ansiedade, irritação, redundando numa diminuição do interesse e da responsabilidade pela função; e (3) quando há um enfrentamento defensivo na conduta e na atitude para se proteger das tensões que experimenta, gerando comportamento de distanciamento emocional, certo cinismo, apatia e isolamento.

Estudos realizados com pastores mostram que, para se prevenir contra o burnout é importante implementar algumas atitudes: (1) Evitar que o pastor se sinta coagido, pressionado por normas e políticas severas; (2) Cuidar para que pastores com filhos pequenos permaneçam mais tempo no mesmo distrito, a fim de não cortar vínculos afetivos (amigos, escola, vizinhos), gerando estresse na família pelas constantes mudanças; (3) Incentivar os pastores, mostrando que seu trabalho é sublime, porque lida com a vida espiritual das pessoas; (4) Promover valores humanos, a fim de gerar um saudável ambiente de trabalho, lembrando que as pessoas são mais importantes do que as coisas (alvos, relatórios, etc.); (5) O ministro jamais deve se esquecer de que seu valor é reconhecido por Deus, que é possível não ter o reconhecimento desejado por parte dos membros, não porque o trabalho executado não esteja a contento, mas porque, naquela comunidade, pode haver o predomínio de pessoas que priorizem outras áreas, e por isso não valorizam os esforços dele; (6) O pastor precisa ter amigos. Pelo menos um amigo com quem confidenciar problemas pessoais. A meu ver, o secretário ministerial deveria exercer prioritariamente a função pastoral. Ter mais tempo para orientar, aconselhar e tratar dos assuntos de seus colegas que lutam com algum sofrimento emocional, físico e até mesmo espiritual; (7) É fundamental que o pastor se preocupe com sua saúde, evitando, assim, desenvolver o burnout. Ele precisa estabelecer limites para as exigências injustas e exageradas, sem temer as críticas; (8) Os líderes podem permitir que o pastor adoentado fique livre de certas responsabilidades até que se recupere. Podem ajudá-lo a encontrar um tratamento especializado. Avaliar se a carga de trabalho é compatível com seu perfil, caso contrário, podem estudar uma mudança de função ou de local de trabalho. Afinal, não somos deuses.

Existe alguma relação entre a espiritualidade e a síndrome de burnout? A espiritualidade ajuda no tratamento?

Estudos feitos sobre o “coping [enfrentamento] religioso” têm demonstrado que a religião, a espiritualidade e/ou a fé ajudam a lidar com o estresse. Harold Koenig, da Universidade Duke, tem estudado sobre o assunto durante vários anos. Suas conclusões indicam que “crenças e práticas religiosas estão associadas à melhor saúde física e mental. Dos 225 estudos realizados investigando a relação com a saúde física, a maioria verificou resultados bené-

Não tente ser tudo o tempo todo para todas as pessoas. Não se pode fazer isso e manter a saúde e o equilíbrio emocional.

ficos do envolvimento religioso quanto à dor, debilidade física, doenças do coração, pressão sanguínea, infarto, funções neuroendócrinas, doenças infecciosas, câncer e mortalidade”. Em cerca de 850 pesquisas relacionadas à interação fé/saúde mental, “a maioria endossa a associação do envolvimento religioso com maiores níveis de satisfação de vida, bem-estar, senso de propósito e significado da vida, esperança, otimismo, estabilidade nos casamentos e menores índices de ansiedade, depressão e abuso de substâncias”. (Saiba mais sobre isso em “Coping religioso/espiritual”, *Psiquiatria Clínica*, 2007, v. 34, supl. 1).


Quais dicas o senhor dá aos pastores para que não experimentem o esgotamento?

Priorize a família. Não deixe que os problemas e as dificuldades do ministério interfiram em sua vida familiar. Quando Jesus Se retirava para estar a sós com o Pai ou com Seus discípulos, Ele deixava uma multidão de pessoas à Sua procura, muitas delas precisando de consolo, apoio, cura e salvação. Ele acreditava que o Pai cuidaria delas de alguma forma, sem exigir Sua presença naquele momento. Cristo também sabia que muitas pessoas poderiam esperar até que Ele as pudesse atender.

A esposa deve ser uma ajudadora. Ela pode apontar áreas em que o pastor precisa colocar limites e cuidar melhor de si mesmo.

Tenha coragem de dizer “não”. Não tente ser tudo o tempo todo para todas as pessoas. Não se pode fazer isso e manter a saúde e o equilíbrio emocional. A família pastoral tem o direito de descansar, de passear, de ter seu hobby, de ter sua privacidade. Muitas vezes, o pastor irá descobrir que aquela “emergência” do irmão X ou da irmã Y, que ele não conseguiu atender, já foi resolvida.

Proteja você e sua família. Cuidem-se contra as fofocas. Protejam-se das pessoas “espaçosas”, “controladoras”, “manipuladoras”, sem “desconfiômetro”, que querem usá-los como se fossem mordomos delas. Usar é abusar.

Cuidado com pessoas do sexo oposto. Seria prudente seguir o conselho de Ellen G. White: “Não desçam os embaixadores de Cristo a frívolas conversações, a familiaridades com mulheres, sejam elas casadas ou solteiras. Que se mantenham no lugar que lhes convém, com a devida dignidade; entretanto, podem ser ao mesmo tempo sociáveis, bondosos e corteses para com todos” (*Evangelismo*, p. 679). 

Eles também sofreram

Aprenda com personagens bíblicos a lidar com o esgotamento emocional

Merlinton P. de Oliveira

A Organização Mundial da Saúde estima que, em breve, “os transtornos mentais atingirão cerca de 700 milhões de pessoas no mundo, representando 13% do total de todas as enfermidades”. No Brasil, dados do Instituto Nacional do Seguro Social revelam que “em 2014 essa instituição pagou auxílios-doença resultantes de transtornos mentais e comportamentais para mais de 220 mil pessoas”.¹ São números expressivos que indicam quão intensamente

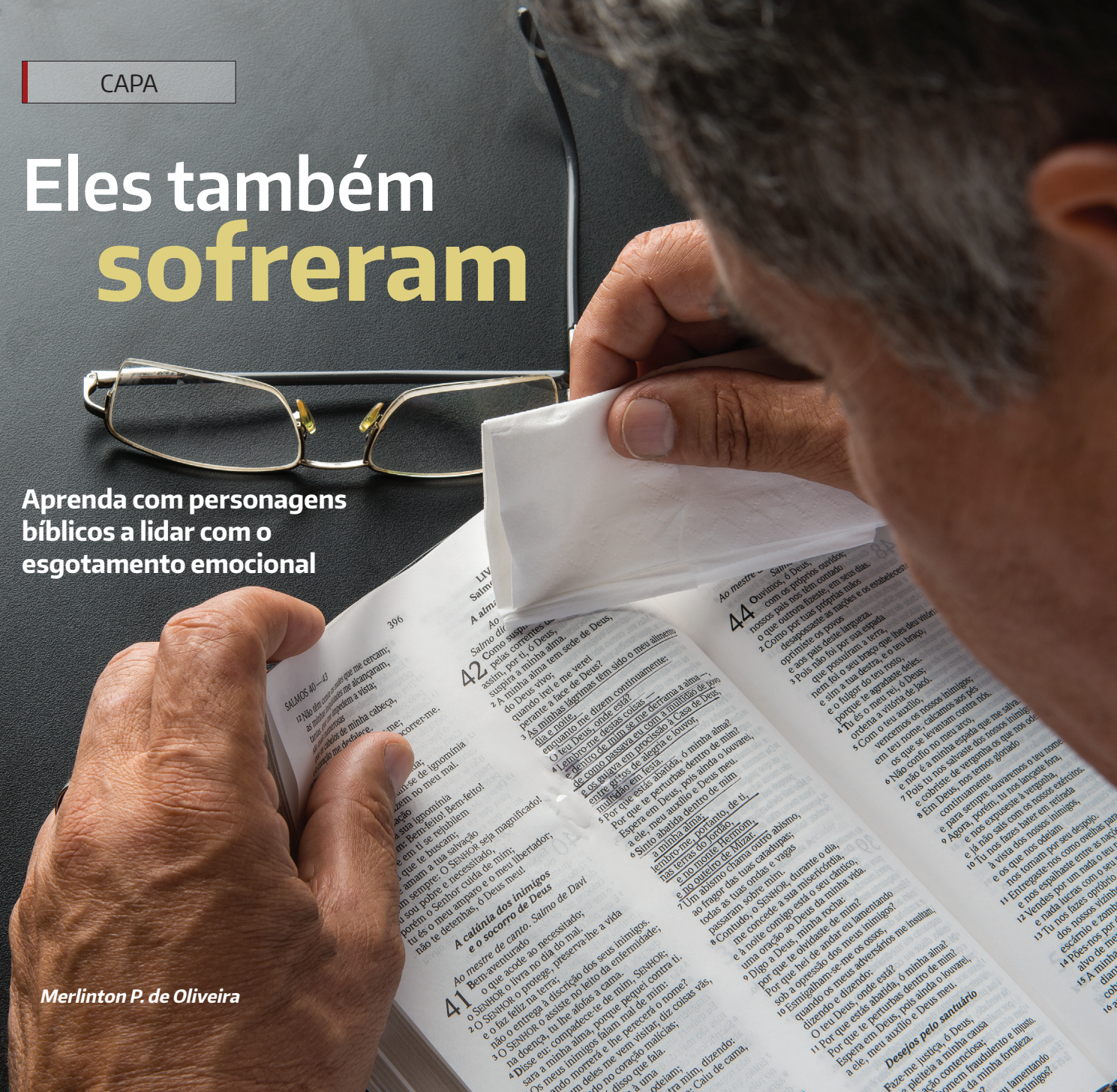
esses problemas têm afetado os seres humanos.

Contudo, será que eles também afetam pessoas religiosas? Estariam os ministros de Deus imunes a esse mal do século?

Embora seja um líder no sentido daquele que “deve ser ouvido, acatado e seguido”,² a função do pastor também está associada à ideia de utilidade e serviço, significando que ele é alguém que atua com o propósito de contribuir, orientar e cuidar.³ O ministro precisa fazer isso dando

atenção, prioritariamente, ao âmbito espiritual de cada um, não se esquecendo de que cada pessoa está inserida em uma realidade que inclui outras práticas além das religiosas, e que enfrenta questões que vão além das necessidades espirituais.

Jesus Se referiu a Si mesmo como o “bom pastor” (Jo 10:11), a fim de transmitir o conceito de identidade de um líder com seu povo.⁴ Para Simão Pedro, Ele disse: “Pastoreie Minhas ovelhas” e, ainda, “apascente Minhas ovelhas” (Jo 21:16, 17). Valendo-se



de uma imagem bem conhecida por Seus discípulos, Ele lhes transmitiu a preciosa lição acerca daqueles que lideram.

Ellen G. White escreveu: “O pastor cuidava de seu rebanho dia e noite. Durante o dia guiava-o às pastagens verdes e agradáveis, às margens do rio, através de colinas rochosas e florestas. À noite vigiava-o, guardando-o do ataque de animais selvagens e de ladrões que sempre rondavam por perto. Com ternura cuidava das ovelhas fracas e doentes. Tomava os cordeirinhos em seus braços e os levava no colo. [...] O pastor ia adiante de suas ovelhas e enfrentava por elas todos os perigos.”⁵ Se uma delas se perdia, ele enfrentava os riscos da noite, os temporais, percorria vales e montanhas sem descansar, até que a perda fosse encontrada.

O cuidado pastoral é uma experiência de encontro e se dá num movimento de reciprocidade e de intersubjetividade. Portanto, ele consiste em relações interpessoais que muitas vezes se caracterizam por circunstâncias nas quais se “tem por objetivo prestar ajuda a indivíduos que se encontram predominantemente frustrados e insatisfeitos, no sentido de recuperar suas realizações e seu bem-estar”.⁶ Nesses encontros, o significado do existir, do agir, do modo de pensar a vida e as convicções do pastor e do membro se entrecruzam, ora se aproximando ora se distanciando, mas sempre em busca de resultados que promovam o bem-estar.

Vítimas do esgotamento

De modo geral, bem-estar é entendido como estado saudável de condição física, mental, emocional, social e espiritual.⁷ Saúde mental é um estado de equilíbrio no qual “um indivíduo utiliza suas habilidades para lidar com as tensões normais da vida, trabalhar de forma produtiva e fazer contribuições à sua comunidade”.⁸ É a condição necessária para que as pessoas tenham capacidade de pensar, emocionar-se, interagir e cuidar dos diversos âmbitos da vida.

Por sua vez, o esgotamento mental é debilitante e se caracteriza a partir do

acúmulo de problemas, dificuldades, obrigações e frustrações que promovem desequilíbrio emocional. Problemas domésticos, remorsos por pecados cometidos e a crença em doutrinas errôneas também “desequilibram a mente”.⁹ O esgotamento prejudica “o desempenho da pessoa na vida familiar, na vida social, na vida pessoal, no trabalho, nos estudos, na compreensão de si mesmo e dos outros, na possibilidade de autocrítica, na tolerância aos problemas, e na possibilidade de ter prazer na vida em geral”.¹⁰ Seus sintomas podem ser variados, e geralmente incluem pensamentos negativos, alteração de humor, falta de ânimo, atitudes ríspidas e agressivas, depreciação dos relacionamentos familiares e pessoais, diminuição do gosto por atividades que antes eram consideradas prazerosas e, inclusive, reações psicossomáticas. Em algumas situações, o esgotamento mental pode provocar o desejo de morte, e mesmo o suicídio.¹¹

Davi, quando sobrecarregado pela angústia de seus pecados e com sua mente esgotada por causa deles, gemia todo o tempo, sentia os ossos envelhecidos e desprezava a vida maldizendo o dia de seu nascimento (Sl 32:3, 4; 51:5). Talvez Elias também tenha passado por um episódio de esgotamento em razão das incertezas e dúvidas quanto ao futuro, reforçadas pela ameaça de Jezabel à sua vida.¹² Isso foi tão intenso que ele desejou a morte (1Rs 19:4). Entretanto, eles se sentiram amparados pelo perdão e pela graça divina, e se restabeleceram. Após confessar seu pecado, Davi louvou ao Senhor, regozijando-se porque Ele lhe restituiu a alegria (Sl 32:5, 11; 51:12, 10). Elias se alegrou no Senhor. Deus não abandonou Seu servo fiel em sua hora de prova.¹³ Elias retornou ao seu ministério, enfrentou os desafios, superou as dificuldades, e um dia ascendeu “com os anjos de Deus à presença de Sua glória”.¹⁴

Qualquer pessoa está sujeita ao esgotamento mental e suas conseqüências; contudo, existe um grupo significativamente

mais vulnerável a essa condição, formado por “aqueles que atuam em áreas onde lidam com angústias alheias”.¹⁵ Ao trabalhar com a tristeza, a ansiedade, o sentimento de culpa, a dor, a desesperança, a morte e outros eventos inerentes à condição dos outros, esses profissionais sentem as *ressonâncias* dessas situações. Estão, assim, em uma posição inigualável, na qual se conhece profundamente a condição humana,¹⁶ marcada pela ação do pecado que destituiu o homem da glória de Deus (Rm 3:23). Além de ser afetados, os prejuízos de sua situação se estendem aos que estão ao seu redor.

A angústia de Davi

No Salmo 27, Davi fez uma oração e apresentou um pedido: “que eu possa morar na Casa do Senhor por toda a minha vida” (v. 4). Ele havia sido um homem de muitos inimigos; pois, desde quando derrotou Goliás (1Sm 17), muitos outros adversários de Israel foram enfrentados por ele. No entanto, quando Davi fez essa oração, o desafio era alguém de sua própria casa, Saul, o rei de seu povo (1Sm 10:1, 24), seu próprio sogro (1Sm 18:20, 27).

Saul havia sido escolhido por Deus para atender a um clamor dos israelitas, que desejavam ter um rei “como todas as outras nações” (1Sm 8:5). “Ele não fez tentativas para manter pela força seu direito ao trono. Em seu lar, pacificamente se ocupou com os deveres de lavrador, deixando inteiramente a Deus o estabelecimento de sua autoridade.”¹⁷ Inicialmente, Saul evidenciou uma condição mental e emocional saudável e equilibrada, que refletiu em suas atitudes e comportamentos. Samuel derramou azeite sobre a cabeça de Saul e disse: “Não te ungiu, porventura, o Senhor por príncipe sobre a Sua herança?” (1Sm 10:1).¹⁸ Em certo sentido, o serviço de Saul era um pastoreio.

Deus lhe proporcionou um coração renovado e uma atitude mental orientada, que possibilitaram bem-estar a ele e a toda a nação que estava sob seus cuidados.¹⁹ Entretanto, passados alguns anos,

Saul evidenciou uma condição mental distinta daquela inicialmente apresentada, o que afetou intensamente suas emoções e seu comportamento. Sobrecarregado por variadas situações, tornou-se presunçoso, impaciente, desanimado, incrédulo, inquieto, impulsivo, ansioso e angustiado. Suas faculdades se tornaram esgotadas, desequilibradas e pervertidas, e isso trouxe desagradáveis consequências sobre ele, sua família e toda a nação.²⁰

O Senhor rejeitou Saul como rei, mas ele não aceitou nem reconheceu sua própria condição. Antes, buscou em Davi um “bode expiatório” para o que estava acontecendo, acusando-o de usurpador e traidor. Como consequência, decidiu matá-lo (1Sm 19:1). Saul sabia que Deus o havia abandonado e que a ascensão de Davi ao trono de Israel em seu lugar não era uma escolha humana, mas uma deliberação divina. Logo, pensar em Davi como um traidor era alimentar pensamentos distorcidos acerca da realidade.

Davi foi diretamente afetado pela inadequada condição do rei. Ele precisou fugir e deixar para trás sua casa, a esposa, os amigos e tudo de que desfrutava. Entretanto, encontrou na Casa do Senhor um lugar de paz (Sl 27). Saul não quis reconhecer sua condição nem buscar solução para ela e, por fim, tirou a própria vida (1Sm 31:4).

O exemplo de Pedro

Pedro foi outra personagem bíblica que viveu momentos de esgotamento mental e emocional. Os últimos dias haviam sido intensos: a entrada triunfal de Jesus em Jerusalém, a ação popular aclamando seu Mestre, o Getsêmani, a fuga dos demais discípulos, tudo isso mobilizou suas estruturas psicoemocionais a ponto de sua fisionomia vividamente expressar abatimento.²¹ Assolado por pensamentos pessimistas e com medo de ser tratado como Jesus, Pedro negou ser um de Seus seguidores (Mt 26:69-74). Ao ouvir o galo cantar, lembrou-se das palavras do Mestre.

Seu olhar encontrou o olhar de Cristo, e ele caiu em si (Lc 22:61).

Em angústia mental, Pedro se viu como um traidor ingrato, falso e teve o coração quebrantado a ponto de se sentir torturado, vagueando sem destino certo, envolvido por um impactante remorso. Ele chorou copiosamente, prestes a desejar a morte.²² No entanto, esse não foi seu fim. A Pedro foi concedida a oportunidade de sentir novamente paz mental. O contato com Jesus restabeleceu sua fragilizada condição, trazendo-lhe refrigério. “Embora parecesse a Pedro que tudo estava perdido, incluindo a si mesmo, o amor do Salvador o ergueu e o resgatou.”²³ Anos depois, ele aconselhou: “Portanto, mantenham sua mente preparada; sede sóbrios e esperai inteiramente na graça” (1Pe 1:13).

Conclusão

O esgotamento mental pode levar o ministro a pensar que seu trabalho não é importante, suas relações são insignificantes, sua vida está cheia de injustiças e que sua própria existência não tem razão de ser. Muitas vezes, a insatisfação com a função que desempenha, a busca incessante por resultados, a falta de vinculação social duradoura e as frequentes angústias que outros lhe apresentam podem afetá-lo significativamente. Por isso, o Mestre nos convida: “Vinde vós, aqui à parte, e repousai um pouco” (Mc 6:31). “Cristo é cheio de ternura e compaixão para com todos os que se acham a Seu serviço.”²⁴

Atitudes preventivas também ajudam, como exercícios físicos, recreação, relacionamentos afetivos sólidos e atitudes positivas. Além disso, condutas recuperativas como reconhecer a condição de esgotamento, buscar apoios empáticos, recorrer aos serviços de um psicoterapeuta, reorganizar a dinâmica diária e estabelecer laços familiares e sociais significativos são fundamentais. Acima de tudo, e principalmente, estar com Jesus todo instante. **M**

Referências

- ¹ Carolina Sanchez Miranda, “Esgotamento Mental”, <linkedin.com>.
- ² Benedito Milioni, *Dicionário de Termos de Recursos Humanos* (São Paulo: Fênix, 2003).
- ³ Eloy Anello, “Liderança moral”, em *Núcleo de Pesquisa Sobre Governança Global* (Porto Alegre, RS: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2010).
- ⁴ Miroslav Kis, “Reavaliando a identidade pastoral”, *Ministério*, mai-jun 2004, p. 28-31.
- ⁵ Ellen G. White, *Vida de Jesus* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2004), p. 75, 76.
- ⁶ Yolanda Cintrão Forghieri, *Psicologia Fenomenológica* (São Paulo, SP: Pioneira, 2004), p. 319.
- ⁷ ONUBR/OMS, <nacoesunidas.org>.
- ⁸ SBIE, “Como identificar e diferenciar os sintomas do esgotamento físico e mental”, <sbie.com.br>.
- ⁹ Ellen G. White, *Mente, Caráter e Personalidade* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2012), v. 1, p. 59.
- ¹⁰ Maia Prime, “O que é transtorno mental?”, <maiaprime.com.br>.
- ¹¹ Álvaro Roberto C. Merlo, “Sofrimento silenciado, patologia da solidão e suicídio no trabalho: a questão da atenção à saúde”, em *O Sujeito no Trabalho: Entre a Saúde e a Patologia* (Curitiba, PR: Juruá, 2013).
- ¹² Ellen G. White, *Profetas e Reis* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2014).
- ¹³ Ibid.
- ¹⁴ Ibid., p. 228.
- ¹⁵ Marisa Graziela M. M. Vandavelde, “Esgotamento mental”, <marisapsicologa.com.br>.
- ¹⁶ Rachel Naomi Remen, *O Paciente Como Ser Humano* (São Paulo, SP: Summus, 1993).
- ¹⁷ Ellen G. White, *Patriarcas e Profetas* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2014), p. 612.
- ¹⁸ *Comentário Bíblico Adventista do Sétimo Dia [CBASD]* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2012), v. 2, p. 526.
- ¹⁹ Ellen G. White, *Patriarcas e Profetas*, p. 613.
- ²⁰ Ibid., p. 627-630.
- ²¹ Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1990), p. 680.
- ²² Ibid., p. 682.
- ²³ CBASD, v. 2, p. 573.
- ²⁴ Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, p. 343.



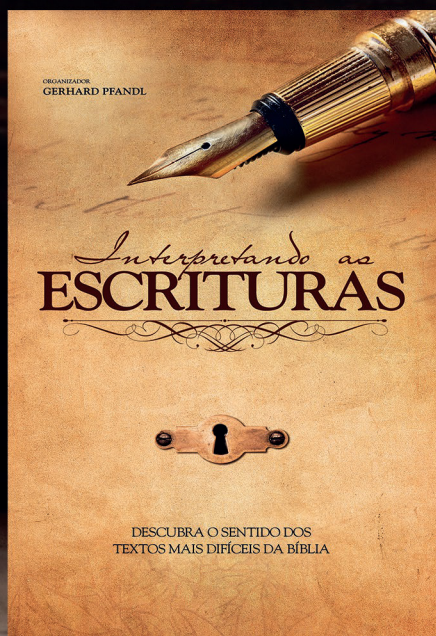
Cartão do autor

Merlinton P. de Oliveira, mestre em Psicologia (PUC-SP) e em Teologia (SALT, Cachoeiro, BA), é coordenador do curso de Psicologia e professor de Teologia na Fadba.

Diga-nos o que achou deste artigo: Escreva para ministerio@cpb.com.br ou visite www.facebook.com/revistaministerio

COMUNHÃO PREPARAÇÃO ESTUDO

Uma seleção de livros e temas especiais para seu estudo pessoal.



INTERPRETANDO AS ESCRITURAS
Para seu estudo e conhecimento dos textos difíceis da Bíblia. Entenda e pratique!



PELO SANGUE DO CORDEIRO
Símbolos e cenários misteriosos que desafiarão você a firmar sua fé e vencer o mal.



ADVENTISMO
Detalhes do movimento milerita e reflexões a respeito da história adventista

Felipe Mancilha Gondim
Luiz Carlos Lisboa Gondim

Entre alegrias e angústias

À semelhança de outros trabalhadores, o ministro evangélico é constantemente submetido a estímulos externos e internos, acumulando-os gradativamente. Essa retenção causa um acúmulo no aparelho psíquico, podendo produzir uma carga de sentimentos de desprazer e tensão. Assim, especialmente nessa atividade vocacional, há necessidade de se encontrar vias de descarga, sendo a psíquica uma das mais importantes.¹

Psicodinâmica do trabalho

A abordagem da psicodinâmica do trabalho tem como núcleo a relação entre o sujeito e a organização do trabalho, e como essa relação pode determinar o prazer ou o sofrimento psíquico.²

Se o trabalhador dispõe de liberdade e de autonomia sobre sua tarefa, tende a realizar-se ao cumpri-la e ser revitalizado por ela. Nessas situações, o trabalho geralmente oferece vias de descarga

mais adaptadas às suas necessidades, favorecendo sua homeostasia. Esse tipo de atividade é denominado pela psicodinâmica do trabalho como um *trabalho equilibrante*.

Em contrapartida, quando em determinada atividade não existe a possibilidade de utilização da via de descarga psíquica, a energia pulsional acaba por acumular-se, passando a ser uma fonte de sofrimento, tensão e desprazer. Assim, a relação homem-organização do trabalho fica dificultada, e o sofrimento, antes ocasional, torna-se dominante.³

Por essa razão, é fundamental compreender a maneira como se elaboram os dois lados da organização do trabalho, isto é, aquele que é fonte de sofrimento e o que é fonte de prazer. Tal análise é indispensável para se tentar uma interpretação mais específica dos laços entre trabalho e saúde e, também, para se encontrar alternativas satisfatórias.

Trabalho e sofrimento

Os líderes religiosos são especialmente afetados pelas pressões do cotidiano. Diversos autores têm suscitado discussões que envolvem a saúde física e emocional dos pastores. Embora trabalhem para uma instituição religiosa, as incertezas, os medos e as angústias presentes em seu espaço de trabalho, e até o desenvolvimento de algumas doenças, aproximam os ministros cada vez mais de outros trabalhadores de contextos diferentes.⁴

Uma vez que o ministério é geralmente reconhecido como uma atividade estressante, sua natureza intrapessoal não apenas proporciona oportunidade para alegre intercâmbio com outras pessoas, como também acarreta ocasiões de lutas e tristezas. Apresentar-se diante de um público cada vez mais exigente, liderar administrativamente um número crescente de igrejas, atender aos doentes e enlutados, obrigar-se a ter um exemplo de família ajustada

Uma reflexão sobre as tensões emocionais que cercam o trabalho pastoral

Photographee.eu / Fotolia

– tudo isso contribui para o estresse. Por isso, conhecer os próprios limites e contar com um acompanhamento emocional adequado é vital para um ministério eficaz.⁵

Um estudo apresentado no *Guia para Ministros Adventistas do Sétimo Dia* mostrou que 75% dos pastores vivenciaram períodos de grande esgotamento, caracterizados por um conjunto de reações físicas, emocionais e mentais resultante de reiterada agitação emocional derivada do constante envolvimento com as questões espirituais das pessoas. O pastor, de modo geral, tem mais coisas para fazer do que é capaz, pois se espera que seja habilidoso em um maior número de áreas do que lhe é possível. Além de ter menos recreação do que a maioria das pessoas, o ministro fica entre as expectativas de sua congregação e de sua liderança administrativa e, infelizmente, tais expectativas nem sempre coincidem. No fim, tal situação provoca um efeito ampulheta, levando o pastor a se sentir pressionado de todos os lados.⁶

Alguns textos da Bíblia confirmam essa tendência para a dor e o sofrimento no exercício do ministério (At 9:15-16; Rm 5:3-5; 8:35-39). Contudo, não parece coerente que se deixe o pastor a mercê dessa amargura, sem um alento que o motive a continuar inspirado na execução resiliente de sua vocação.

Trabalho e prazer

Por outro lado, estudiosos também se referem às experiências de prazer vivenciadas por muitos ministros no convívio alegre com a família e suas igrejas; na valorização e no reconhecimento de seu trabalho; no cumprimento da missão em transformar vidas; em ajudar os casais em seu relacionamento conjugal; em ver sua igreja crescendo em dons e atividades espirituais e em seus dias de folga bem aproveitados.⁷

Pastores adventistas, por exemplo, são incentivados a usar as manhãs para estudar. Além disso, recebem auxílios que lhes

permitem uma vida digna. Muitos deles, em função de suas habilidades, recebem bolsas de estudos em cursos de pós-graduação, para que ampliem sua esfera de utilidade na igreja.

Diferentemente de outras denominações, na Igreja Adventista há equidade em relação aos salários, que são pagos de acordo com uma escala padrão. Assim, não existe diferença significativa entre a remuneração do pastor geral de determinada Associação e o salário do pastor da igreja mais humilde de seu Campo, desde que estejam com a mesma pontuação na escala. Os líderes espirituais dos pastores, os secretários ministeriais, são orientados a fornecer-lhes importantes serviços, tais como visita pastoral, aconselhamento e assistência espiritual.

Ellen White, cofundadora da Igreja Adventista, defendia a ideia de que a recreação é necessária aos que se acham ocupados em esforços físicos e, mais ainda, àqueles cujo trabalho é especialmente

mental. Ela dizia que manter a mente em contínuo e excessivo trabalho, mesmo sobre temas religiosos, não agrada a Deus. Além disso, a autora destacava que é privilégio e dever de todo ministro procurar revigorar a mente e fortalecer o corpo por meio de boas recreações.⁸

O mosaico de alegrias, consolações e desafios observado neste artigo também pode ser encontrado nos alertas do apóstolo Paulo aos seus discípulos Tito e Timóteo (Ef 4:10-13; 1Tm 6:11-12; Tt 2:7-8).

Parece claro que cuidar da igreja de Deus e lidar constantemente com o pecado das pessoas é um ofício que envolve o pastor em circunstâncias muitas vezes estressantes. Assim, o ministério contemporâneo proporciona o alegre intercâmbio com outras pessoas, mas também ocasiões de lutas, decepções e tristezas.

Acompanhamento psicológico

Muitos pastores que estão se afundando nas profundezas do mar do desânimo ou saindo do ministério por variadas razões poderiam ser resgatados ou ter seu sofrimento atenuado se pudessem ser ajudados, em seu ministério e em suas relações de trabalho, por um acompanhamento psicológico adequado.

Para Hernandes Dias Lopes, há pastores emocionalmente doentes no ministério. Entre eles, muitos deveriam estar sendo pastoreados, mas estão pastoreando. Infelizmente, esse é um sofrimento comum a muitos. Além disso, a solidão e a própria natureza do ministério pastoral podem impedir o pastor de compartilhar seus desafios, suas dores e lutas, mesmo com alguém que tenha bagagem suficiente para ajudá-lo como amigo ou conselheiro.⁹

Uma pesquisa feita por Francisco Lotufo Neto mostra que há grande índice de doenças mentais entre pastores protestantes, se comparados à população mundial.¹⁰ Pérsio Ribeiro Gomes de Deus, ao

pesquisar sobre a incidência de depressão entre pastores evangélicos, constatou que, em sua amostra de estudo, 26% do total de pacientes atendidos eram ministros protestantes. Quanto às causas do adoecimento deles, alguns relacionaram sua doença ao estresse do exercício da vida pastoral, aos problemas de relacionamento conjugal, ao pecado e à falta de fé.¹¹

Uma pesquisa feita com pastores adventistas revela certa similaridade com os resultados dos estudos mencionados.¹² As pressões identificadas interferem na vida emocional do ministro de tal maneira que, sem ajuda psicológica, ele tende a comprometer sua saúde física e psíquica, prejudicando, conseqüentemente, suas funções ministeriais.

Em resumo, os depoimentos dos pastores apontam como elementos de prazer em sua atividade pastoral a valorização e o reconhecimento da igreja por seu trabalho, a conversão de pessoas, as famílias auxiliadas, as manhãs livres para estudo e os concílios de família. Por outro lado, o olhar dos ministros revela que são comuns as diversas vivências de sofrimento, como a sensação de despreparo, a impotência diante das demandas complexas do trabalho, a sobrecarga de atividades, o intenso desgaste físico e psíquico e, especialmente, a falta de um acompanhamento psicológico no desempenho da função.¹³

O frequente trabalho com as adversidades psicossociais da igreja e da comunidade, as exigências morais por todos os lados e a dedicação exclusiva ao ministério proporcionam tremenda carga psíquica ao pastor. É preciso entender que a religião é um campo complexo de atividade para qualquer profissional. Por isso, a denominação, o psicólogo cristão, a família, os amigos e o próprio ministro têm importantes papéis nesse processo, pois os pastores são labaredas de fogo e vasos escolhidos para preservar e levar o nome de Cristo, sob quaisquer circunstâncias,

perante todas as pessoas (Sl 104:3-4; Pv 27:23-24; At 9:15-16). **M**

Referências

¹ Christophe Dejourns, Dominique Dessors e François Desriaux. "Por um trabalho, fator de equilíbrio", *Revista Administração de Empresas*, v. 33, n. 3, p. 98-104.

² Christophe Dejourns, *A Loucura do Trabalho: Estudo de Psicopatologia do Trabalho* (São Paulo, SP: Cortez, 1992).

³ Ibid.

⁴ Ibid.

⁵ Associação Ministerial da Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia, *Guia para Ministros Adventistas do Sétimo Dia* (Tatuí, SP: CPB, 2010), p. 27, 28.

⁶ Associação Ministerial da Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia, *Guia para Ministros* (Tatuí, SP: CPB, 1995), p. 37

⁷ Mike Murdock, *O Ministro Fora do Comum* (Rio de Janeiro, RJ: Central Gospel, 2007); Samuel Costa, *Psicologia Pastoral* (Rio de Janeiro, RJ: edição do autor, 2005); J. MacArthur, *Ministério Pastoral* (Rio de Janeiro, RJ: CPAD, 2007).

⁸ Ellen G. White, *Ministério Pastoral* (Tatuí, SP: CPB, 2015).

⁹ Hernandes Dias Lopes, *De Pastor a Pastor* (São Paulo, SP: Hagnos, 2010).

¹⁰ Francisco Lotufo Neto, *Psiquiatria e Religião: A Prevalência de Transtornos Mentais entre Ministros Religiosos* (tese de livre-docência). Faculdade de Medicina da USP, 1996.

¹¹ Pérsio Ribeiro Gomes de Deus, "Um Estudo da Depressão em Pastores Protestantes", *Ciências da Religião – História e Sociedade*, v. 7, n. 1, p. 189-202.

¹² Felipe Mancilha Gondim, Fabiano Andrade Lyra e Luiz Carlos Lisboa Gondim, "Vivências de Prazer e Sofrimento no Trabalho de Líderes Religiosos: Um Estudo com Pastores da Igreja Adventista do Sétimo Dia", *Revista Brasileira de Psicologia*, v. 3, n. 1, p. 173-188

¹³ Ibid.



Gentileza do autor

Felipe Mancilha Gondim, graduado em Psicologia (Fadba), trabalha no Hospital Adventista Silvestre, Rio de Janeiro



Gentileza do autor

Luiz Carlos Lisboa Gondim, mestre em Família na Sociedade Contemporânea (UCSAL), é professor do Seminário de Teologia da Fadba, em Cachoeiro, BA

Criando **hábitos** saudáveis

Dicas para prevenir-se do esgotamento e desfrutar de saúde e bem-estar

Matthew Kim

O ministério pastoral pode ser desgastante até mesmo para os mais talentosos e ativos líderes da igreja.¹ Os pastores estão insatisfeitos com o ministério por uma ampla gama de razões. Talvez nós mesmos estejamos lutando com as dificuldades do pastorado. Como Derek Tidball observa, “ainda que muitos verdadeiramente considerem o ministério satisfatório, é preciso encarar a verdade de que muitos não têm essa percepção”.² Embora pastores estejam saindo do ministério por causa de várias angústias, um dos principais fatores por trás desse afastamento é o desequilíbrio na vida deles. Simplificando, eles estão se esgotando rapidamente. Tendo servido como pastor distrital, digo por experiência que somos responsáveis pelo nosso bem-estar. Criar hábitos saudáveis ajudará a nos proteger do burnout e nos capacitará a servir a Deus por longo prazo no ministério da igreja.

Burnout pastoral

As taxas de burnout entre pastores estão aumentando. Roy Oswald, em seu livro *Clergy Self-Care: Finding a Balance For Effective Ministry*, relata: “Aproximadamente 20% dos ministros com quem trabalhei em seminários alcançaram uma pontuação extremamente alta no Levantamento de Burnout Pastoral. Entre os ministros com longos

períodos de ministério (10 anos ou mais) o número salta para 50%.”³ Christine Maslach define burnout como “estado de exaustão física, emocional e mental marcado pelo esgotamento físico, fadiga crônica, sentimentos de desamparo e desesperança, e pelo desenvolvimento do autoconceito negativo e de atitudes negativas em relação ao trabalho, à vida e a outras pessoas”.⁴

Em suas formas variadas, burnout pode ser classificado como uma condição grave, mas pode ser evitado se tomarmos as devidas precauções. A receita para ser vítima de esgotamento é muito simples. Como pastores, somos excessivamente zelosos, sobrecarregados e ansiosos demais para agradar as massas. Esquecemo-nos de dedicar tempo para férias e reflexão. Ignoramos os pedidos de pausa de nosso corpo. Frequentemente, nossas congregações tomam nossa renúncia ao descanso como norma. O resultado? O burnout poderá ocorrer a qualquer momento. Para evitá-lo, nós, como pastores, devemos ser proativos na busca de uma vida plena.

Este artigo procura oferecer sugestões de como podemos criar hábitos saudáveis e promover o equilíbrio para nos proteger do burnout pastoral. Vamos abordar quatro hábitos cruciais relativos ao esgotamento: emocional, físico, relacional e espiritual.

Hábitos emocionais

Uma vez que a vocação pastoral exige ampla interação humana e a capacidade de avaliar as emoções dos outros, os ministros precisam de um rígido controle sobre sua própria condição emocional. Médicos e conselheiros de saúde mental são comumente instruídos a manter distância emocional do sofrimento humano: “Não é saudável estar em uma montanha-russa emocional todos os dias com seus pacientes e clientes.” Esse conselho não é necessariamente a melhor maneira de lidar com o estresse emocional no ministério. Controlar as emoções ao ouvir o sofrimento e a dor das ovelhas do rebanho continua sendo quase impossível para os pastores. Empurrar emoções desagradáveis para debaixo do tapete também não ajudará. Deve haver um modo melhor de lidar com isso.

Um recurso para monitorar as emoções pode ser escrever os sentimentos em um diário. Em minha graduação no seminário, recebi de minha esposa uma agenda nova em capa de couro. Fiquei grato pelo gesto, mas, na época, não havia pensado em usar aquele presente para registrar meus sentimentos. Com o tempo, escrever em meu diário se tornou água curativa para minha alma, especialmente durante períodos difíceis da vida. Nesse diário, revelei minhas lutas a Deus e também O louvei por Sua fidelidade e misericórdia.

Nos salmos, temos uma visão da verdadeira pessoa de Davi, que expressava todas as suas emoções. Quando o salmista escrevia seus sentimentos e os lia, sua alma era restaurada e ele reconhecia muitos de seus problemas emocionais. Esses salmos serviram como orações de confissão, triunfo, desespero e clamor. Dê a si mesmo a oportunidade de sentir cada emoção e entregá-la a Deus para restauração e cura.

Em segundo lugar, o riso tem uma posição central como hábito emocional valioso, que recomendo a qualquer ministro. Há uma razão pela qual as pessoas gostam de assistir a comédias ou programas de televisão, ou passam horas observando um espetáculo humorístico. Elas gostam de se divertir e desfrutar de uma boa risada. Precisamos aprender a rir de nós mesmos, dos nossos fracassos e das circunstâncias de nossa vida, e a não levar a nós mesmos e a tudo com tanta seriedade.

As emoções são dadas por Deus. Podemos aprender a controlá-las, bem como a rir quando o momento requer isso. Ao equilibrar nossos sentimentos, não apenas nos tornamos confortáveis com nossa postura, mas também nos aproximamos do nosso Criador, à medida que experimentamos todos os tipos de emoções que Ele planejou para nós.

Hábitos físicos

Deus nos deu o corpo e espera que cuidemos dele. Em 1 Coríntios 3:16, 17, o apóstolo Paulo diz: “Não sabeis que sois santuário de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós? Se alguém destruir o santuário de Deus, Deus o destruirá; porque o santuário de Deus, que sois vós, é sagrado.” Como vemos claramente, o Senhor se importa profundamente com Sua criação, por isso, devemos cuidar de nós mesmos. Aqui estão três passos simples:

Tenha uma alimentação adequada. As pessoas esperam que os pastores comam tudo o que for servido na casa delas. Não é elegante ser “exigente”. É aí que começa o problema. Às vezes, o que nos oferecem

pode não ser a opção mais saudável, mas não temos uma alternativa melhor. Podemos ter em nosso prato alimentos fritos, bebidas com alta concentração de açúcar, batatas fritas, bolos e tortas.

No entanto, em muitas ocasiões, temos uma escolha. Quando estou em um restaurante, tento selecionar alimentos mais saudáveis e evitar a sobremesa. A dieta é um aspecto bastante negligenciado da vida pastoral. Contudo, nossos hábitos alimentares podem impactar positiva ou negativamente nosso nível de energia, humor, autoimagem e bem-estar geral.

O que escolhemos como alimento é muito importante. Em primeiro lugar, porque precisamos cuidar bem do corpo que Deus nos deu. Portanto, devemos ter uma dieta equilibrada. Você se lembra do que aprendeu na escola primária? Os professores nos ensinavam a comer os quatro grupos básicos de alimentos: produtos derivados do leite, proteínas, frutas, vegetais e grãos. Uma dieta balanceada nos dá a energia de que precisamos para realizar a obra do Senhor.

Em segundo lugar, estamos dando exemplo aos membros da igreja e a nossos familiares. Um dos elementos que constituem o fruto do Espírito é o domínio próprio, que envolve o aprendizado da arte de cuidar de si mesmo. Não é difícil engordar. Uma grande quantidade de calorias pode ser consumida em um instante. Mostremos aos membros da igreja que podemos exercer bom senso em nossa dieta.

Exercite-se regularmente. Além de uma alimentação saudável, nosso corpo precisa de exercícios físicos regulares. Muitas vezes os pastores são impelidos a um estilo de vida sedentário. Com exceção do tempo em que estamos em pé para pregar, frequentemente estamos sentados, seja no carro, na biblioteca ou na casa dos membros da igreja. Visto que temos flexibilidade para determinar nossa agenda diária, tente encaixar o exercício físico no calendário semanal. Apenas matricular-se em uma academia não garante que vamos

nos exercitar com regularidade nem que praticaremos algum exercício.

As estatísticas continuam a indicar como o exercício beneficia a qualidade da nossa vida em geral. David Biebel e Harold Koenig afirmam: “A atividade física regular reduz o risco de doença arterial coronariana, acidente vascular cerebral e câncer de cólon. A atividade física regular reduz o risco de desenvolver diabetes tipo 2 ou hipertensão arterial. [...] A atividade física regular pode ajudar a reduzir o estresse e os sentimentos de depressão e ansiedade. A atividade física regular pode ajudar a aliviar ou prevenir a dor nas costas.”¹⁵ A lista poderia ser muito extensa. Não se sinta culpado diante dos membros de sua igreja porque frequenta a academia. Arranje tempo para exercícios regulares. Isso trará felicidade a você e beneficiará sua igreja também.

Descanse. Ser pastor não é um trabalho realizado em horário comercial fixo, mas um chamado que não tem escala definida. Quando nossas ovelhas precisam de nós, devemos estar presentes. Muitos pastores são pressionados pelo tempo. Depois de cuidar dos nossos fiéis, há tempo para o descanso pessoal e relaxamento?

Apesar de tudo o que você tem para fazer a cada semana, tire um dia de folga! Saia, explore as belezas naturais e conheça pontos turísticos. Brinque com seus filhos em um parque. Saia para nadar, ou leve seu cônjuge para uma caminhada romântica na praia. Tire uma soneca sempre que possível. Leia o jornal enquanto desfruta de um copo de suco natural. Leve seus filhos para brincar com os amigos. Tire sua mente do trabalho e permita que seu corpo relaxe enquanto se dedica a seu hobby favorito.

Quando não descansamos o suficiente, nosso corpo nos alerta de que algo não está bem. Agimos com irritação e indelicadeza com os outros. Não gostamos do que estamos fazendo. Em suma, o tempo em que estamos acordados passa a ser depressivo. Portanto, precisamos cuidar da nossa saúde física.

Hábitos relacionais

Existem noções variadas sobre as amizades que os pastores podem nutrir. Um grupo menor incentiva os ministros a buscar amizades com os membros da igreja. Por outro lado, uma considerável quantidade de líderes mais experientes insiste em dizer que os pastores não devem de nenhuma forma procurar ser amigos próximos de suas ovelhas. Se os pastores não podem buscar amizades dentro dos limites de suas congregações, para onde eles devem se voltar em busca de apoio? Todos, inclusive os pastores, precisam de um confidente!

Faça um amigo no ministério. Como Gary Kinnaman e Alfred Ells testemunham, “a maioria das pessoas no ministério pastoral não tem amizades íntimas e, conseqüentemente, são assustadoramente solitárias e perigosamente vulneráveis”.⁶ Por isso, parece natural que os relacionamentos sejam explorados por meio da amizade com outros pastores.

Contudo, construir amizade com um colega infelizmente pode parecer difícil. Os pastores lutam com todos os tipos de insegurança quando se comparam com os outros. Lembro-me de que, durante meu primeiro ano de ministério, recebi um convite para um jantar de pastores. O clima do lugar era abafado e estranho. Perguntas sobre números foram lançadas livremente, como “Quantos casais você tem em sua igreja?”, ou “Qual porcentagem de sua oferta é destinada ao evangelismo?” Parecia que a agenda da noite era o julgamento dos “competidores” presentes no evento.

O que devemos admitir, especialmente como pastores, é que Deus abençoa cada pessoa de maneira diferente. Devemos superar a mesquinhez e parar com o territorialismo que dificulta nossa eficiência. Trabalhamos para o mesmo Empregador, cujo nome é Deus. Como uma joia rara, existem pastores com quem podemos

dialogar além dos números. Isso pode exigir sua própria iniciativa, mas você vai achar que vale a pena o esforço. Amizades entre pastores são possíveis, mas precisamos amenizar nossas inseguranças e colocar valor em coisas que realmente importam.

Preste contas a alguém. Billy Graham fazia questão disso para se proteger de situações comprometedoras e do comportamento licencioso. Prestar contas a alguém é fundamental no ministério pastoral. Precisamos de pessoas que nos apresentem perguntas difíceis e façam tudo o que é humanamente possível para nos impedir de cair no pecado. Provérbios 18:24 destaca que “o homem que tem muitos amigos sai perdendo, mas há amigo mais chegado do que um irmão.” Esse tipo de amizade é muito raro, mas, possível. Para superar as tentações da vida e do ministério, precisamos de um amigo íntimo, um companheiro para o qual tenhamos que prestar contas. Devemos encontrar alguém em quem possamos confiar e com quem possamos abrir o coração. Podemos desafiar um ao outro para ter uma vida santa. Esse tipo de amizade se desenvolve com muito tempo e sacrifício, mas é fundamental para nossa vida.

Hábitos espirituais

Exercitar as disciplinas espirituais nunca foi meu forte. Talvez você se identifique com essa confissão. Durante o período de estudos no seminário, a desculpa em que eu mais confiava eram as famosas palavras de um seminarista: “Quando eu me tornar pastor, serei mais determinado quanto à nutrição de minha vida espiritual. Não tenho tempo agora, mas terei tempo no futuro.” Depois que me tornei pastor, a situação não melhorou muito. A sequidão espiritual não é única entre os pastores. Angie Best-Boss diz: “O cultivo do crescimento espiritual pessoal talvez seja uma das áreas mais negligenciadas da vida dos pastores.”⁷

É possível estabelecer uma relação direta entre nossa saúde espiritual e nosso grau de satisfação na vida. “Os pastores que se sentem satisfeitos com sua vida de oração e devoção tendem a se sentir igualmente satisfeitos com sua vida conjugal e familiar, seu ministério, com o apoio da congregação e com o respeito demonstrado a eles pelos líderes da igreja local e da organização.”⁸ Quando não me importo com minha saúde espiritual, fico mais facilmente desencorajado e cada vez menos otimista em relação ao que Deus pode realizar. Os pastores crescem com base no tempo significativo dedicado ao Senhor. Estejam em um contínuo relacionamento com o Deus verdadeiro e vivo. Não negligencie sua alma nem seu corpo por causa das ocupações e atividades do ministério. **M**

Referências

- ¹ Uma versão mais longa deste artigo foi publicada em Matthew D. Kim, *7 Lessons for New Pastors: Your First Year in Ministry* (St. Louis, MO: Chalice Press, 2012), p. 59-76. Usado com permissão.
- ² Derek Tidball, *Skillful Shepherds: An Introduction to Pastoral Theology* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1986), p. 315.
- ³ Roy M. Oswald, *Clergy Self-Care: Finding a Balance for Effective Ministry* (Nova York: The Alban Institute, 1991), p. 3.
- ⁴ Christine Maslach, “Burned-Out”, em *Human Behavior* (1978): p. 17-20.
- ⁵ David B. Biebel e Harold G. Koenig, *Simple Health: Easy and Inexpensive Things You Can Do to Improve Your Health* (Lake Mary, FL: Siloam, 2005), p. 47.
- ⁶ Gary D. Kinnaman e Alfred H. Ells, *Leaders that Last: How Covenant Friendships Can Help Pastors Thrive* (Grand Rapids, MI: Baker, 2003), p. 10.
- ⁷ Angie Best-Boss, *Surviving Your First Year as Pastor: What Seminary Couldn't Teach You* (Valley Forge, PA: Judson, 1999), p. 77.
- ⁸ William E. Hulme, Milo L. Brekke e William C. Behrens, *Pastors in Ministry: Guidelines for Seven Critical Issues* (Mineápolis, MN: Augsburg, 1985), p. 45.



Gentileza do autor

Matthew Kim, doutor em Teologia (University of Edinburgh), é professor no Seminário Teológico Gordon-Conwell, Estados Unidos.

Provação no deserto

Um estudo de Números 21:4 a 9
em relação ao caráter do Deus da Torá

Pablo Rotman Garrido

Para amar alguém, devo primeiro conhecê-lo. Para amar a Deus, essa mesma atitude é necessária. Primeiro devo conhecê-Lo. Quanto mais conhecermos a Deus, mais O amaremos. Não é natural do homem amar o Senhor. Entretanto, Seus atos amorosos alcançam nosso coração.

Às vezes, porém, o Deus apresentado no Antigo Testamento comete ações que nos desconcertam, e que, à primeira vista, mostram-nos um Senhor cruel, sem amor.

O relato de Números 21:4 a 9 é um dos que nos deixam perplexos em relação ao caráter divino. O objetivo deste artigo é analisar alguns aspectos importantes desse episódio, a fim de compreender melhor o caráter de Deus em sua relação com Seu povo, Israel.

Nenhuma outra narrativa do Pentateuco fala desse episódio. Adiante, um texto que trata sutilmente do assunto é 2 Reis 18:4: "Removeu os altos, quebrou as colunas e deitou abaixo o poste-ídolo; e fez em

pedaços a serpente de bronze que Moisés fizera, porque até àquele dia os filhos de Israel lhe queimavam incenso e lhe chamavam Neustã."¹

Esse é o único lugar na Bíblia Hebraica em que se menciona especificamente uma serpente de bronze feita por Moisés. Esse relato nos mostra a atitude do rei Ezequias ao destruir todos os objetos de adoração que não estavam em conformidade com o verdadeiro culto do Templo de Jerusalém.



Enriquebs / Fotolia

conduziu por aquele grande e terrível deserto de serpentes abrasadoras, de escorpiões e de secura, em que não havia água; e te fez sair água da pederneira.”

O Senhor recorda aos filhos de Israel que, na fartura da Terra Prometida, nunca se esqueçam de que foi Ele quem os fez caminhar e os protegeu no grande e terrível deserto, repleto de serpentes abrasadoras e escorpiões. Deus guia Seu povo apesar de toda hostilidade do ambiente.²

Análise do texto

No texto de Números 21:4 a 9, a crítica de Israel tem três partes: (1) A angústia do povo está frequentemente associada a “morrer no deserto”. Deserto é sinônimo de morte.³ (2) No momento, eles não têm “pão nem água”. Essa é a primeira vez em que os dois elementos aparecem juntos em uma queixa dos israelitas. (3) O povo estava enfadado com o maná, chamado por eles de “pão vil”: “*hapax* (única vez que a expressão aparece na Bíblia Hebraica (cf. Nm 11:6-9))”.⁴

A crítica do povo desperta a reação divina apresentada no versículo 6. Esse texto é central em nossa discussão acerca do caráter de Deus: “Então, o Senhor mandou [*ways^hlah*] entre o povo serpentes abrasadoras, que mordiam o povo; e morreram muitos do povo de Israel.”

As versões mais usadas em português traduzem *ways^hlah* como “mandou”.⁵ A Nova Versão Internacional diz: “Então o Senhor enviou serpentes venenosas que morderam o povo, e muitos morreram” (Nm 21:6).

Uma primeira leitura desse versículo nas versões mencionadas nos dão a impressão de que Deus é um ser cruel, sem misericórdia. O povo se queixou e o Senhor imediatamente o puniu, enviando-lhe serpentes venenosas que picavam fatalmente.⁶

É interessante que o verbo *š^hlah* aparece nesse versículo na forma verbal hebraica Piel. Nechama Leibowitz destaca que essa forma Piel tem o sentido de “deixar livre, deixar em liberdade”. Ela foi utilizada nos seguintes textos:⁷

“Depois, foram Moisés e Arão e disseram a Faraó: ‘Assim diz o Senhor, Deus de Israel: *Deixa ir* meu povo, para que me celebre uma festa no deserto’” (Êx 5:1).

“Tendo Faraó *deixado ir* o povo, Deus não o levou pelo caminho da terra dos filisteus, posto que mais perto, pois disse: ‘Para que, porventura, o povo não se arrependa, vendo a guerra, e torne ao Egito’” (Êx 13:17).

“Quando um de teus irmãos, hebreu ou hebreia, te for vendido, seis anos servir-te-á, mas, no sétimo, o *despedirás forro*” (Dt 15:12).

“*Deixarás ir*, livremente, a mãe e os filhos tomarás para ti, para que te vá bem, e prolongues os teus dias” (Dt 22:7).

“Vai ter com Faraó, rei do Egito, e falhe que *deixe sair* de sua terra os filhos de Israel” (Êx 6:11).

O itálico nos textos destaca a tradução da forma Piel de *š^hlah* com o sentido de deixar livre, deixar em liberdade.

Por outro lado, *š^hlah*, na forma Qal, tem o sentido de “enviar, enviar em missão”. O texto de Gênesis 32:4 ilustra isso: “Então, Jacó enviou mensageiros adiante de si a Esaú, seu irmão, à terra de Seir, território de Edom.”⁸

Assim, a tradução o *Senhor mandou* não transmite o significado profundo da ação de Yahweh. Lembremo-nos de Deuteronômio 8:15, que nos diz que o deserto estava infestado de serpentes abrasadoras e escorpiões. Era a providência de Deus que preservava o povo do ataque de animais perigosos.

“Os filhos de Israel não queriam mais a intervenção sobrenatural de Deus. Não queriam mais o maná (pão vil) que Deus lhes dava. Eles desejavam uma existência mais natural, mais normal. Então Deus, respeitando o desejo do povo, deixou que as coisas seguissem seu curso normal. Deus permitiu que as serpentes se movessem de forma natural, no grande e temível deserto (tirou a cerca de proteção).”⁹

Ao Deus permitir que as serpentes circulassem livremente, elas começaram a

O versículo de 2 Reis confirma que o texto da serpente de bronze de Moisés é muito antigo e, ao mesmo tempo, mostra o perigo que o povo corria de chegar a adorar um objeto, esquecendo-se do verdadeiro Deus de Israel.

Um texto-chave que nos ajuda a entender o relato que estamos estudando está em Deuteronômio 8:14, 15: “[para não suceder que] se eleve o teu coração, e te esqueças do Senhor, teu Deus, que te tirou da terra do Egito, da casa da servidão, que te

picar o povo. Como consequência, muitos israelitas morreram envenenados.

No versículo 7 aparecem duas ações importantes: (1) O povo reconheceu: “havemos pecado”; e, (2) Moisés intercedeu depois da confissão do povo. No versículo 8, a ordem divina descrita é muito impactante e inesperada: (1) Faça uma serpente ardente; (2) ponha-a sobre uma haste; e (3) todo aquele que for picado e olhar para a serpente viverá.

Algumas observações em relação ao caráter de Deus podem ser deduzidas desse episódio.

1) No começo do relato (v. 4, 5), o povo falou, desempenhando um papel ativo, e isso o conduziu à morte. Moisés agiu somente no versículo 7 (v. 7b, 9), e conduziu Israel à vida. O Deus do Pentateuco é um Deus de ação.

2) Há um contraste acentuado entre a principal reclamação do povo, “para que morramos neste deserto” (v. 5), e a promessa de vida apresentada por Deus, “todo mordido que a mirar viverá” (v. 8).

3) A narrativa de Números 21:4 a 9 é uma das mais importantes entre os relatos de murmuração. É o último acontecimento antes da entrada do povo na Transjordânia. Ele estava pedindo pão e água, que é a base da subsistência. Nesse sentido, estava duvidando da capacidade de Deus para sua salvação. Esse incidente permitiu que o Senhor mostrasse dois de Seus atributos mais importantes: Sua justiça e misericórdia (Êx 34:6, 7).

4) Independentemente de qual fosse a origem da serpente de bronze, não era ela que salvava, mas Deus, que estava por detrás dessa representação.

5) Esse importante relato de murmuração enfatiza dois aspectos fundamentais. Por um lado, a contínua desobediência do povo no deserto; por outro, o contínuo perdão e misericórdia de Deus.

6) A promessa de cura era condicional, uma prova de fé para o povo. Israel devia obedecer a ordem: “mirar” e o resultado

seria “viver”. Quem seguiu exatamente as ordens divinas recebeu cura (Êx 15:26).

7) A história de Números 21 é uma lembrança dos atos de amor de Deus para com Seu povo durante toda a jornada no deserto.

Conclusão

Todas as partes principais do relato de Números 21:4 a 9 nos mostram um Deus que deseja cuidar de Seu povo e salvá-lo em sua viagem à Terra Prometida. Seu amor implica respeito pelas decisões de Israel. Por isso, Ele permitiu que as serpentes que havia mantido fora do acampamento durante toda a jornada ficassem livres.

A tradução habitual de Números 21:6, “então, o Senhor mandou entre o povo serpentes abrasadoras”, pode induzir ao conceito equivocado de que o Deus revelado no Antigo Testamento é cruel e sem nenhuma misericórdia. Contudo, a tradução que respeita a forma Piel do verbo *šālah*, com o sentido de “deixar livres”, e o contexto geográfico e histórico realçado pelo texto de Deuteronômio 8:15, permitem-nos visualizar um Deus de amor, preocupado em cuidar de Seu povo e de protegê-lo de todos os perigos possíveis em sua viagem à Terra Prometida. Por meio da intercessão de Moisés, o Senhor pôde mostrar a Seu povo Sua graça e Seu amor.

Um dos textos mais conhecidos do Novo Testamento é João 3:16: “Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o Seu Filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna.”

Nesse contexto, a referência histórica que ilustra o grande amor de Deus ao levantar o Messias para que, mediante Sua crucifixão, pudesse salvar a humanidade, é precisamente o relato da serpente de bronze no deserto.

O Deus do Pentateuco amou profundamente Seu povo. O deserto estava infestado de serpentes abrasadoras e escorpiões. Era a providência divina que preservava Israel do ataque dos animais perigosos.

Quando o povo, de acordo com seu livre arbítrio, não mais quis depender do Senhor, Ele deixou que as coisas seguissem seu curso normal, retirando Sua proteção. Ele permitiu que as serpentes se movessem livremente, no grande e terrível deserto. Deus pediu a Moisés que levantasse uma serpente de bronze, a fim de salvar aqueles que haviam sido picados. Ele também enviou Seu Filho Jesus Cristo, permitindo que fosse levantado na cruz e desse Sua vida pela humanidade que está perdida.

Olhando a cruz, para o Cristo crucificado, teremos não somente vida para continuar nossa viagem até a Canaã celestial, mas também vida eterna junto ao nosso querido Salvador. “E do modo por que Moisés levantou a serpente no deserto, assim importa que o Filho do homem seja levantado, para que todo o que nele crê tenha a vida eterna” (Jo 3:14, 15). **TM**

Referências

¹ Cf. H. H. Rowley, “Zadok and Nehushtan”, em *Journal of Biblical Literature* 58 (1939), p. 113ss; K. R. Joines, “The Bronze Serpent in the Israelite Cult”, em *Journal of Biblical Literature* 87 (1968), p. 245-256.

² Hammōlîkākā (Dt 8:15) Hifil participio. O sentido atemporal do participio indica que Yahweh agora também está fazendo-os marchar até a Terra Prometida. P. Jouon, *Grammaire de L'hebreu Biblique* (Roma, 1982), p. 333, 121^a

³ Cf. Nm 16:13; 20:4, 5; Êx 14:11, 12; 16:3.

⁴ Hapax “pão vil” [ballehem haqqalōqēl]; *Koehler-Baumgartner Lexicon*, p. 841 aproxima esse hapax com o árabe Qulqulan, que significa “uma leguminosa”.

⁵ ARA, ARC, NVI, NTLH.

⁶ Serpentes, cf. Is 6:2, 6; 14:29; 30:6; Dt 8:15.

⁷ Nechama Leibowitz, *Studies in Bamidbar* (Numbers), traduzido e adaptado do hebraico por Aryeh Newman (Jerusalém: The World Zionist Organisation, 1980), p. 262, 263.

⁸ Cf. Êx 24:5; Nm 13:3; 13:17; 20:14.

⁹ Nechama Leibowitz, *Ibid*.



Genêliza do autor

Pablo Rotman Garrido, doutor em Ciências Religiosas (Universit  de Strasbourg),   professor no Seminário de Teologia da Fadba, Cachoeiro, BA

Deus em questão

As perguntas teológicas e sua importância para o crescimento espiritual

John C. Peckham

Tanto quanto me lembro, sempre tive muitas perguntas. Em minha infância, mais de uma vez não consegui dormir à noite, em virtude das várias questões que surgiam em minha mente, particularmente sobre Deus, Seu amor e Sua justiça. Lembro-me de lutar com a pergunta, “Por que um Deus amoroso finalmente destruiria os pecadores?” Eu imaginava que a resposta estaria em algum dos livros de meu pai.

Então eu orava e buscava uma solução. À medida que a noite avançava, eu continuava pensando: “Se eu apenas buscar um pouco mais, certamente encontrarei a

resposta.” Às vezes encontrava respostas que considerava satisfatórias. Com o tempo, porém, aprendi que mesmo essas respostas levavam a mais perguntas.

Continuo fazendo uma série de perguntas atualmente. De fato, essa tem sido *uma das chaves* que tenho utilizado para conhecer a Deus profundamente. No entanto, talvez você tenha ouvido alguém dizer que devemos ter cuidado para não fazer muitas perguntas, principalmente teológicas.

Em vários círculos, é comum minimizar a importância de se fazer questionamentos e buscar um conhecimento mais

profundo sobre Deus. “Não importa o que sabemos”, dizem alguns. As tendências da cultura nos últimos tempos parecem apoiar isso. Como Martin Luther King declarou: “Raramente encontramos homens que voluntariamente se engajam em pensamento profundo. Há uma busca quase universal por respostas fáceis e soluções precipitadas. Nada dói mais a algumas pessoas do que ter de pensar.”¹

É importante buscar conhecimento sobre Deus? É claro que devemos distinguir entre o verdadeiro conhecimento e o “que é falsamente chamado conhecimento” (1Tm 6:20, NVI). O verdadeiro

conhecimento é frequentemente elogiado em toda a Bíblia. Por exemplo, “o temor do Senhor é o princípio do saber, mas os loucos desprezam a sabedoria e o ensino” (Pv 1:7, cf. Pv 10:14, 12:1, 14:18, 19:2).

Em Oseias 4:6, Deus proclamou enfaticamente: “O Meu povo está sendo destruído, porque lhe falta o conhecimento. Porque tu, sacerdote, rejeitaste o conhecimento, também Eu te rejeitarei, para que não sejas sacerdote diante de mim; visto que te esqueceste da lei do teu Deus, também Eu me esquecerei de teus filhos.”

Jesus disse que o primeiro grande mandamento é amar o Senhor nosso Deus com todo nosso coração, alma, força e mente (Lc 10:27). Paulo, por sua vez, enfatizou a batalha da mente: “Porque as armas da nossa milícia não são carnis, e sim poderosas em Deus, para destruir fortalezas, anulando nós sofismas e toda altivez que se levante contra o conhecimento de Deus, e levando cativo todo pensamento à obediência de Cristo” (2Co 10:4, 5; Fp 1:8-11).

Perguntas e respostas

O conhecimento de Deus a que Paulo se referiu requer aprofundamento na revelação divina, particularmente em Sua Palavra. Isso demanda muita humildade e disposição para ser ensinado. Se você acha que sabe o suficiente, é muito improvável que aprenda algo. Se não está disposto a fazer perguntas e buscar respostas, como chegará ao conhecimento de Deus?

Embora muitos tenham medo de questionar Deus, é impressionante ver nas Escrituras quantas vezes Ele dá atenção às perguntas. Gênesis 18 registra uma conversa que Abraão teve com o Senhor. A pergunta do patriarca se refere às cidades extremamente perversas de Sodoma e Gomorra: “Destruirás o justo com o ímpio?” (Gn 18:23). Deus respondeu: “Não!” Abraão não desistiu: “Se houver, porventura, cinquenta justos na cidade, destruirás

ainda assim e não pouparás o lugar por amor dos cinquenta justos que nela se encontram? Longe de Ti o fazeres tal coisa, matares o justo com o ímpio, como se o justo fosse igual ao ímpio; longe de Ti. Não fará justiça o Juiz de toda a Terra?” (Gn 18:24, 25).

Deus respondeu: “Se Eu achar em Sodoma cinquenta justos dentro da cidade, pouparei a cidade toda por amor deles.” Disse mais Abraão: ‘Eis que me atrevo a falar ao Senhor, eu que sou pó e cinza’”

Se você acha que sabe o suficiente, é muito improvável que aprenda algo. Se não está disposto a fazer perguntas e buscar respostas, como chegará ao conhecimento de Deus?

(Gn 18:26, 27). Observe que Abraão faz perguntas difíceis e contundentes. Entretanto, de modo muito humilde e reverente.

O patriarca não parou com sua primeira pergunta. Ele a repetiu outras vezes: E se houver apenas 45, apenas 40, apenas 30, apenas 20, e finalmente: “Não se ire o Senhor, se lhe falo somente mais esta vez: Se, porventura, houver ali dez?” Respondeu o Senhor: ‘Não a destruirei por amor dos dez’” (Gn 18:32).

Moisés também questionou Deus repetidamente com perguntas difíceis. Para tomar apenas um entre muitos exemplos: quando os israelitas murmuraram contra

Moisés em virtude do aumento da carga de trabalho imposto sobre eles pelo Faraó após o pedido por libertação, o profeta perguntou: “Ó Senhor, por que afligiste este povo? Por que me enviaste? Pois, desde que me apresentei a Faraó, para falar-lhe em Teu nome, ele tem maltratado este povo; e Tu, de nenhuma sorte, livraste o Teu povo” (Êx 5:22, 23; cf. 32 – 34; Nm 21). Deus respondeu a Moisés? Sim, com milagres maravilhosos e libertação, culminando com o próprio Êxodo.

De modo semelhante, Gideão perguntou a Deus sobre a severa opressão dos midianitas: “Ai, Senhor meu! Se o Senhor é conosco, por que nos sobreveio tudo isto? E que é feito de todas as suas maravilhas que nossos pais nos contaram, dizendo: Não nos fez o Senhor subir do Egito? Porém, agora, o Senhor nos desamparou e nos entregou nas mãos dos midianitas” (Jz 6:13). Novamente, Deus inequivocamente respondeu a Gideão, trazendo libertação ao Seu povo.

O Salmo 88:14 expressa de forma angustiante os pensamentos de muitos que estão passando por provações: “Por que rejeitas, Senhor, a minha alma e ocultas de mim o rosto?” (cf. Is 63:15). Perguntas como essa, que exigem uma resposta divina para a agonia pessoal e o sofrimento, são comuns em toda a Bíblia.

Considere o caso de Jó ou leia o livro de Lamentações. A lição que devemos aprender é: fazer perguntas a Deus, mesmo que difíceis, é aceitável, se elas forem apresentadas humildemente, no espírito correto. No entanto, esteja preparado para receber a resposta divina, que pode não ser o que você espera ou busca. Veja, por exemplo, a experiência de Habacuque. No Novo Testamento, João Batista, aprisionado e profundamente desanimado, pediu que seus discípulos perguntassem a Jesus: “És Tu aquele que estava para vir ou havemos de esperar outro?” (Mt 11:3). O próprio Cristo, pendurado na cruz, faz a pergunta mais

surpreendente: “Deus Meu, Deus Meu, por que Me desamparaste?” (Mc 15:34).

De fato, essas questões são muito difíceis. Entretanto, Jesus nos encoraja a pedir, sempre com fé: “Peçam, e lhes será dado; busquem e encontrarão; batam, e a porta lhes será aberta” (Mt 7:7, NVI). Assim, os bereanos foram elogiados e chamados de “nobres” porque “receberam a palavra com toda a avidez, examinando as Escrituras todos os dias para ver se as coisas eram, de fato, assim” (At 17:11, ver 1Ts 5:21).

A teologia é relacional

Contudo, parece que ouvimos cada vez mais as seguintes expressões: “Eu não quero teologia, eu só quero Jesus” (como se fosse possível receber um sem o outro). “Não me dê religião, dê-me um relacionamento.” Como professor de Teologia Sistemática, sou consciente de que alguns têm opiniões muito negativas sobre teologia. Muitas vezes, as pessoas pensam na teologia como algo frio, abstrato e seco.

Teologia não é nada disso! O que está no centro da verdadeira teologia? Deus! E qual é o caráter de Deus? Amor. E o que é o amor, se não algo relacional? É um terrível mal-entendido dizer: “Amo a Deus, mas não quero teologia.” É quase como dizer à minha esposa: “Eu amo você, mas não quero saber nada sobre sua vida. Não me faça perguntas, e eu não vou lhe perguntar nada.” Não é assim que um casamento funciona. Porque amo minha esposa, quero conhecê-la tão intimamente quanto possível.

De forma análoga, a teologia é relacional. Embora exista muita teologia falsa, a teologia genuína leva ao conhecimento do próprio Deus de amor! “E a vida eterna é esta: que Te conheçam a Ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste” (Jo 17:3).

Às vezes, reagimos aos questionadores: “Você faz muitas perguntas!”, “Você não tem fé suficiente!”, “Não devemos fazer

tantas perguntas assim!” No entanto, nesta era de crescente apatia bíblica, teológica e espiritual, deveríamos ficar animados quando as pessoas (especialmente os jovens) perguntam “por que?”, em vez de ignorá-las porque suas perguntas nos deixam desconfortáveis.

Muitos reagem negativamente às perguntas porque percebem tais questões como uma ameaça. Creio, porém, que quanto mais conhecermos a Deus, mais O amaremos e menos ameaçados nos sentiremos por perguntas honestas. A verdade não perde nada frente a uma investigação minuciosa.

Assim como fez Jacó (Gn 32), lutar com Deus é aceitável, enquanto o ser humano se recusar a abandoná-Lo. Algumas pessoas tentam afastar Deus de seus questionamentos. Todavia, enquanto estivermos apegados a Ele, buscando a verdade em Sua Palavra, o Senhor pode lidar com nossas perguntas. Ele é muito maior do que todas elas. Não devemos ser céticos (Jo 20:24-27), mas pedir com fé. Ao mesmo tempo, precisamos estar sempre “preparados para responder a todo aquele que [nos] pedir razão da esperança que há em [nós]” (1Pe 3:15). No entanto, ao fazê-lo, não devemos estar na defensiva.

Como saber se estou fazendo a pergunta certa? Não é o conteúdo que a torna boa ou má, mas a motivação. Você pergunta porque não quer acreditar? Ela é um ataque velado? Você pretende que sua pergunta seja um mecanismo de defesa?

Uma pergunta lançada como uma arma é algo ruim. Por outro lado, as boas perguntas são motivadas pela busca sincera por respostas. Você está perguntando porque realmente deseja saber e reconhece que a resposta pode ir além de sua compreensão?

Jesus frequentemente debatia com pesquisadores honestos, levando-os a fazer perguntas certas que os levariam a respostas importantes (por exemplo, a história de

Nicodemos em João 3 e da mulher junto ao poço em João 4).

Na busca por respostas, devemos nos lembrar de quão pouco sabemos; na verdade, de que nem sabemos o quanto não sabemos. Às vezes, encontramos o que consideramos ser respostas satisfatórias às nossas perguntas; entretanto, cada “resposta” pode levar a mais perguntas. De fato, cada resposta pode ser apenas algo parcial, mais uma peça do grande quebra-cabeça que ainda estamos tentando reunir, embora não possamos esperar completá-lo.

Uma coisa, porém, que devemos fazer é responder regularmente ao convite de Tiago 1:5 (NVI): “Se algum de vocês tem falta de sabedoria, peça-a a Deus, que a todos dá livremente, de boa vontade; e lhe será concedida.” Fazer perguntas teológicas me levou a algumas das mais profundas experiências de adoração de minha vida.

Minha fé em Deus e meu amor por Ele cresceram e criaram raízes cada vez mais profundas, que espero que se manifestem em minha vida. Claro, ainda tenho outras perguntas. Contudo, não quero parar de conhecer melhor a Deus, assim como gosto de crescer em meu relacionamento com minha esposa, ano após ano. Como poderíamos dizer ao Senhor: “Eu amo o Senhor, mas não quero conhecê-Lo mais profundamente?”

Quero conhecer a Deus cada dia mais. E você? 

Referência

¹ Martin Luther King Jr., *Strength to Love* (Filadélfia, PA: Fortress, 2010), p. 2.



Gentileza do autor

John C. Peckham, doutor em Teologia (Andrews University), é professor do Seminário Teológico da Andrews University, Estados Unidos

Discipulado **na prática**

Pesquisa sul-americana aponta características das igrejas bem-sucedidas no processo discipulador

*Helder Roger
Everon Donato*

“Como vocês formam discípulos em sua igreja?” Foi em busca de respostas a essa pergunta que a sede administrativa da Igreja Adventista para a América do Sul iniciou uma série de visitas a congregações locais em diferentes partes de seu território. Entre as 16 Uniões que formam a Divisão Sul-Americana, nove foram escolhidas para indicar a igreja com a melhor proposta de discipulado em sua jurisdição, a fim de ouvir o depoimento de pastores distritais e líderes locais. O selecionado conjunto de congregações varia em tamanho, segmentos sociais e culturais. Os critérios adotados para a escolha das igrejas foram:

- 1) Índice de membros por batismo superior à média da Associação/Missão (Campo) a que pertence a igreja.
- 2) Crescimento real acima da média do Campo (Entradas [batismo e rebatismo] – Saídas [apostasia e desaparecimento]).
- 3) Funcionamento de um sistema de cuidado dos membros.
- 4) Experiência mínima de quatro anos, para garantir a consolidação e a continuidade do projeto, mesmo após as transferências pastorais.

Este artigo é um relato de experiência e tem o objetivo de apresentar as práticas comuns observadas nas igrejas visitadas

Prioridade no discipulado

As congregações analisadas consideram o discipulado um processo de transferência

de vida, cujo objetivo é o desenvolvimento e crescimento espiritual das pessoas. Seus programas são adaptados em função dessa visão, e a liderança é capacitada e desafiada a praticar esses princípios. O foco é ajustado para o que realmente importa. Um dos pastores entrevistados disse: “O discipulado não se propõe a ser uma nova metodologia ou estrutura de trabalho; propõe-se a mudar os paradigmas da igreja, utilizando metodologias e estruturas. Por vezes, os melhores métodos da igreja (enquanto organização) esbarram nas limitações locais que geralmente giram em torno de questões como problemas na liderança, secularismo, distorcido senso de missão, entre outros. Isso não pode ser resolvido com eventos ou métodos. É necessário trabalhar o coração e a mente dos membros. Isso exige tempo, compromisso com um grupo de pessoas que, por sua vez, gerará a massa crítica para mudar a igreja.”

Essa prática lembra o ensino de Cristo sobre a prioridade que Seus discípulos deveriam ter: “Portanto ide, fazei discípulos de todas as nações” (Mt 28:19). Para Jesus, o discipulado não era uma grande opção, mas a grande comissão dada à Sua igreja. Acerca desse ponto, Bill Hull afirma: “Creio que a crise da igreja seja uma questão de produção, o tipo de pessoas sendo produzidas. Proponho que a solução seja a obediência à comissão de Cristo para ‘fazer discípulos’, e ensinar os cristãos a obedecer tudo o que Cristo ordenou.”¹

Iniciativa pastoral

Em todas as igrejas avaliadas, a influência do pastor distrital foi fundamental para despertar a visão e desencadear o processo discipulador na congregação, a partir de um grupo-base. Expressões como “o preço teve que ser pago” e outras semelhantes foram usadas, demonstrando que o ministro teve que agir com determinação e ousadia, uma vez que se deparava com uma mudança de cultura. Verificou-se que, em quase todos os casos, a participação da Associação/Missão esteve restrita à permissão para começar uma experiência inovadora. Em casos específicos, o Campo apoiou financeiramente e flexibilizou o calendário de atividades.

Sobre o valor da iniciativa, Ellen G. White declarou: “Alguns dos que se entregam ao serviço missionário são fracos, sem energia, sem entusiasmo e facilmente desanimáveis. Falta-lhes a iniciativa. Não têm aqueles positivos traços de caráter que dão a força para fazer alguma coisa — o espírito e energia que iluminam o entusiasmo. Aqueles que desejam o sucesso devem ser corajosos e otimistas. Devem cultivar não só as virtudes passivas, mas as ativas.”²

Formação intencional de líderes

Desenvolveu-se um processo transformador na visão e preparação dos líderes com uma forte ênfase espiritual. O pastor distrital foi responsável por selecionar um

pequeno grupo de líderes e vivenciar com eles, na prática, os princípios do discipulado por meio de uma proposta relacional. Nas palavras de um dos participantes da avaliação: "O método foi simples, mas o efeito na vida das pessoas foi grande, pois o plano e o propósito eram divinos."

O período de convivência em grupo teve um tempo variável. Em um deles, a duração foi de quatro meses e, nos demais, um período de nove a 18 meses, dependendo do grau de amadurecimento dos líderes que estavam sendo discipulados. Em todos os casos, a formação de um pequeno grupo protótipo foi a estratégia adotada. Os líderes entrevistados ressaltaram que não deve haver pressa, para que o processo seja realizado com consistência.

Eles se sentiram pastoreados e, na seqüência, aptos a pastorear as pessoas. Alguns disseram que "a experiência vivida foi transformacional e com efeitos eternos". Outros ainda declararam: "É preciso trabalhar primeiro na transformação para ter pessoas motivadas, e não o contrário."

Robert Coleman declara que o método de Cristo tinha por base as pessoas. "É interessante destacar que Jesus começou a reunir aqueles homens antes de organizar campanhas evangelísticas ou mesmo de pregar em público. As pessoas eram a base de seu método de ganhar o mundo para Deus [...] Ao que parece, a necessidade não era apenas a de recrutar uns poucos leigos, mas manter o grupo suficientemente pequeno para que pudesse ser bem trabalhado."³

Pastoreio em rede

Essas igrejas apresentam um sistema de cuidado, atenção e desenvolvimento de seus membros à semelhança de uma rede interconectada. Em essência, há pastoreio efetivo. Cada congregação tem uma rede com suas particularidades. Entretanto, existe um padrão com algumas características essenciais:

1) *Níveis de liderança*. Identificou-se uma conexão entre os diferentes níveis

da rede. O modelo utilizado pela maioria deles inclui coordenadores, supervisores, líderes e líderes aprendizes.

2) *Pequenos grupos*. Assim como a base de líderes foi discipulada em um grupo pequeno, o processo é reproduzido de modo semelhante para toda a igreja. Nesse aspecto, os pequenos grupos são considerados essenciais em todos os casos. Em algumas circunstâncias, aparecem integrados às unidades de ação da Escola Sabatina. Esses pequenos grupos não são apenas um programa semanal, mas uma estrutura contínua de pastoreio.

3) *Supervisão*. Os líderes dos pequenos grupos têm alguém que os encoraja, ora por eles e os ajuda a resolver seus problemas pessoalmente. Consequentemente, eles fazem o mesmo com aqueles que estão sob sua supervisão e pastoreio.

4) *Encontros regulares*. Existem encontros regulares entre os níveis de liderança e as pessoas que estão dentro da rede de discipulado. As reuniões ocorrem com frequência semanal ou quinzenal, para interação, troca de experiências e encorajamento.

5) *Capacitação e formação de novos líderes*. Há preocupação com a formação de novos líderes para garantir o cuidado e desenvolvimento das pessoas. Em alguns casos, membros do grupo ainda não batizados estão sendo preparados para o batismo e também para assumir o pastoreio de um novo grupo.

David Cox contribui com a ideia de rede de pastoreio ao dizer que "todas as igrejas precisam de uma rede abrangente de Pequenos Grupos, que ajudem a construir uma comunidade verdadeiramente cristã."⁴

Estruturas viabilizadoras

A investigação mostrou que duas estruturas, Escola Sabatina e Pequenos Grupos, destacam-se na viabilização do discipulado. Ambas apresentam princípios semelhantes e complementares. A Escola Sabatina com maior atuação na

igreja e, os Pequenos Grupos, nas casas. Observou-se também que a integração (fusão) dessas estruturas é variável. Contudo, as entrevistas demonstraram que o aspecto primordial para o êxito não é o foco nas estruturas, mas na compreensão e prática dos princípios do discipulado.

Novas gerações

As igrejas que se destacam no discipulado demonstram preocupação especial com as novas gerações, envolvendo-as no processo e investindo nas classes de Escola Sabatina das divisões infantis, nos Desbravadores, Aventureiros e Pequenos Grupos direcionados a elas.

Essas congregações estão dizendo que as próximas gerações colherão os frutos das sementes lançadas atualmente. Ao discutir sobre o cuidado com as novas gerações, Don MacLafferty adverte: "Muitas crianças estão crescendo sem ter alguém para segurá-las, amá-las ou guiá-las. Muitas estão educando a si mesmas [...] Elas crescem sem ter alguém para ouvir seus questionamentos, amá-las o bastante para desafiá-las ou preocupar-se o bastante em guiá-las a descobrir Jesus por si mesmas."⁵

Envolvimento na missão

As igrejas entrevistadas também demonstram preocupação em envolver a maior parte dos membros em algum ministério ou atividade missionária. São usadas expressões como voluntariado, capacitação e envolvimento total dos membros. Em algumas dessas igrejas, o engajamento dos membros em ministérios para servir e salvar pessoas é superior a 60%.

Quanto a essa característica, Jair Miranda afirma: "Uma vez que os membros estão unidos para a adoração e saem juntos para servir o próximo com atos desinteressados de compaixão, os amigos da igreja que ainda não assumiram um compromisso com o Senhor Jesus se admirarão com o cuidado da igreja, e seu coração será tocado pelos estímulos do amor."⁶

Comentando sobre o envolvimento dos membros na missão, Ellen G. White declarou: “Há por toda parte a tendência de substituir pela obra de organizações o esforço individual. A sabedoria humana tende à consolidação, à centralização, à edificação de grandes igrejas e instituições. Muitos deixam às instituições e organizações a obra da beneficência; eximem-se do contato com o mundo, e seu coração se torna frio. Ficam absorvidos consigo mesmos e insensíveis à impressão. É extinto no coração deles o amor para com Deus e o homem. Cristo confia a Seus seguidores uma obra individual – uma obra que não pode ser feita por procuração. O serviço aos pobres e enfermos, o anunciar o evangelho aos perdidos, não deve ser deixado a comissões ou caridade organizada. Responsabilidade individual, individual esforço e sacrifício pessoal são exigências evangélicas.”¹⁷

Recomendações

Os pesquisadores ouviram as sugestões dos entrevistados sobre o que poderia facilitar a implantação de um processo discipulador consistente. As principais recomendações são as seguintes:

1) *Pastores com visão discipuladora.* Um dos fatores que desencadearam o processo discipulador consistente dessas igrejas foi a iniciativa pastoral. Isso comprova a grande influência da liderança do pastor distrital. Portanto, sugere-se que:

a) Os pastores em atividade aprofundem seu conhecimento e prática sobre o discipulado, por meio de leitura, participação em seminários e troca de experiências com outras pessoas que estejam vivenciando o processo.

b) Os pastores sejam preparados desde o Seminário Teológico com uma visão discipuladora.

2) *Programas adaptados.* Os participantes relataram que, para discipular, é necessário tempo para investir em pessoas. Por essa razão, os programas locais deveriam ser reduzidos e adaptados de acordo com a realidade de cada igreja, a fim de dar suporte à visão de discipulado.

Essa recomendação converge com as pesquisas que indicam que igrejas saudáveis simplificam seus programas. Thom Rainer e Eric Geiger afirmam: “Muitas de nossas igrejas se tornaram complexas [...]. Tão complexas que muitas pessoas estão ocupadas fazendo igreja em vez de ser igreja [...]. O acúmulo de coisas pode fazer parecer que está tudo bem. O excesso de atividades é um ótimo disfarce para a falta de vida.”⁸

3) *Processos contínuos.* Igrejas que empreendem o processo discipulador precisam de pastores dispostos a permanecer por mais tempo, pois a mudança de paradigma é lenta. Ministérios mais longos favorecem essa proposta. Além disso, é necessário que o próximo pastor dê continuidade ao processo estabelecido.

4) *Materiais e modelos flexíveis.* Cada igreja tem seu próprio contexto, e é importante não restringir materiais nem modelos. No processo, o que deve ser inegociável é a disposição de levar a igreja a viver os princípios do discipulado.

5) *Papéis ampliados.* A sugestão é que administradores e departamentais atuem também como discipuladores, priorizando as pessoas e o apoio ao processo discipulador na igreja local. Durante as entrevistas, um dos participantes afirmou: “É preciso viver o discipulado em todos os níveis.”

Conclusão

As práticas comuns observadas nessas congregações contribuem para a formação de discípulos de Cristo. Por terem vivenciado uma experiência transformadora, os membros apresentam alto nível de satisfação. Muitos deles relataram como deixaram de ser meros espectadores e se transformaram em pessoas ativas e bem integradas. Como resultado, o percentual de membros envolvidos na missão, bem como o número de batismos nessas igrejas, está acima da média do Campo local, e as perdas são bem menores.

Portanto, para que haja multiplicação do número de igrejas e grupos vivendo essa experiência, sugerimos:

a) Desenvolver uma cultura de discipulado que contemple as diferentes gerações, em que planejamento, ações e avaliações se constituam num processo e não em programas isolados.

b) Ampliar as atividades dos departamentais e administradores para que haja apoio significativo ao pastor distrital na implementação do discipulado. É necessário concentrar o foco nos princípios e práticas e não em modelos ou estruturas.

c) Estabelecer uma rede de pastoreio para que haja gente cuidando de gente.

d) Utilizar o tempo necessário, de acordo com a realidade de cada lugar, para que os processos transformadores aconteçam naturalmente.

Que tal refletir sobre essas práticas e começar a empreendê-las em seu ministério? É hora de causar uma grande revolução! **M**

Referências

- 1 Bill Hull, *El Pastor Hacedor de Discipulos* (Bogotá: Ediciones Berea, 2012), p. 6
- 2 Ellen G. White, *A Ciência do Bom Viver* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2004), p. 497.
- 3 Robert Coleman, *O Plano Mestre de Evangelismo* (São Paulo, SP: Mundo Cristão, 2006), p. 17, 20.
- 4 David Cox, *Pense em Grande, Pense em Grupos Pequenos* (Lisboa: Publicadora Atlântico, 2000), p. 32.
- 5 Don MacLafferty, *De Dentro para Fora* (São Luís, MA: Visualgraf, 2010), p. 25.
- 6 Jair Miranda, *Igreja em Missão* (São Paulo, SP: Regente, 2015), p. 50.
- 7 Ellen G. White, Op. cit., p. 147.
- 8 Thom Rainer e Eric Geiger, *Igreja Simples* (Brasília, DF: Palavra, 2011), p. 32.




Divulgação DSA

Helder Roger, doutor em Teologia Pastoral (Unasp, EC), é vice-presidente da Igreja Adventista para a América do Sul



Divulgação DSA

Everon Donato, mestre em Liderança (Andrews University), é líder de Ministério Pessoal e Ação Solidária Adventista para a América do Sul



CONCURSO DE ARTIGOS

A revista **Ministério** está promovendo pela primeira vez o Concurso de Artigos para estudantes de Teologia. Todos os alunos matriculados em programas de graduação ou pós-graduação podem participar.

TEMA E REQUISITOS PARA INSCRIÇÃO:

1. Em 2017 serão celebrados os 500 anos da Reforma Protestante iniciada por Martinho Lutero. Aproveitando essa ocasião histórica, o tema dos artigos deverá relacionar-se com esse evento. Os textos podem explorar aspectos *bíblicos, históricos, teológicos* e *aplicados* que dialoguem com a Reforma.
2. Os textos deverão ser enviados em MS Word para o e-mail ministerio@cpb.com.br. Por favor, inclua as seguintes informações no cabeçalho do artigo: nome, endereço, e-mail, telefone, afiliação religiosa, nome da instituição educacional em que está matriculado e o título do manuscrito.
3. Ao fazer citações bibliográficas, identifique as fontes. Insira notas de fim de texto (não notas de rodapé) com referência completa. Use números arábicos nas notas. Utilize a fonte Arial, tamanho 12, espaço 1,5, justificado. Os textos deverão conter no máximo 15 mil caracteres com espaço.
4. Será aceito somente um artigo por autor.

PRÊMIOS

1º lugar: Coleção Minicentro Ellen G. White

2º lugar: Coleção Comentário Bíblico Adventista

3º lugar: Bíblia de Estudo Andrews

A comissão avaliadora será formada pela equipe editorial da *Ministério*, por representantes do Seminário Adventista Latino-americano de Teologia e da Associação Ministerial da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

Publicação

1. Não haverá devolução dos artigos enviados.
2. Os ganhadores do concurso darão à revista *Ministério* os direitos de publicação do artigo. Embora os editores pretendam publicar esses textos, a publicação não é garantida.

Data limite de inscrição:

Os textos deverão ser enviados até **30 de maio de 2017**

Apoio:



Seminário Adventista
Latino-americano de Teologia
Associação Ministerial

Imprudência digital

Como as redes sociais podem prejudicar a reputação da igreja

Felipe Lemos

Observe estes dois textos escritos por Ellen G. White: “Caso o povo de Deus mostrasse genuíno interesse em seu próximo, muitos seriam alcançados pelas verdades especiais para este tempo. Coisa alguma dará, ou jamais poderá dar reputação à obra, como ajudar o povo indo ao seu encontro onde se acham.”¹

“Ele sacrificou sua nobre liberdade varonil e se tornou um servil escravo da opinião pública. [...] Convicto como estivesse do valor dos conselhos dados por Jeremias, não tinha a energia moral para obedecer; e como consequência avançou firmemente na direção errada.”²

Essas duas citações estão em contextos diferentes, mas, de certa forma, tratam da mesma questão de fundo. A primeira diz respeito ao que efetivamente contribui para estabelecer uma boa reputação para a Igreja Adventista do Sétimo Dia. A última se refere ao imprudente rei Zedequias, pouco antes do exílio babilônico, e à sua incapacidade de cumprir a vontade divina, preferindo satisfazer a opinião pública.

Segundo especialistas, a reputação de uma organização está relacionada ao que

se percebe a partir do comportamento da instituição ou de pessoas ligadas a ela. José Carlos Thomaz e Eliane Brito afirmam que “a reputação corporativa se desenvolve ao longo do tempo e é resultado de interações repetidas e de experiências acumuladas nos relacionamentos com a organização. [...] Considera-se, ainda, que a reputação corporativa emerge e é determinada pelas imagens principais ou percepções de uma empresa, comunicadas rotineiramente pela empresa e percebidas pelos seus vários públicos”.³

Portanto, a forma pela qual a Igreja Adventista é vista depende do tipo de relacionamento que as pessoas interessadas têm com ela. Seja por meio de um contato nas redes sociais da denominação, uma visita a uma congregação ou mesmo por meio da convivência com um membro da igreja. Essa experiência vai compor a percepção que se tem sobre os adventistas e, em última instância, sua reputação.

Nas redes sociais, pastores e membros contribuem, direta ou indiretamente, para tornar melhor ou pior essa reputação. E isso ocorre de acordo com o que postam

ou compartilham. Em última instância, querendo ou não, todos os membros da igreja são representantes da denominação perante os públicos com os quais se relacionam. Por isso, alguns cuidados são válidos ao interagir nas redes sociais:

Coerência. Ellen G. White ensina que a reputação da igreja está relacionada ao cumprimento da missão adventista. Na prática, isso significa que, quando um membro ou pastor posta algo nas redes sociais, deve ser consciente da necessidade de demonstrar claramente os princípios nos quais afirma acreditar. Desse modo, eles efetivamente pregam o evangelho. Em contrapartida, ao agir de forma preconceituosa, desrespeitosa, hostil ou condenatória, eles acabam depreciando a imagem do evangelho. A melhor forma de pregar nas redes sociais é exaltar as verdades das Escrituras, em vez de criticar os conceitos e ensinamentos divergentes da cosmovisão bíblica.

Respeito. Alguém que procura uma congregação adventista geralmente o faz por entender que nela encontrará um ambiente acolhedor, amigável e benéfico para sua vida. O visitante espera também contar

Phasin / Fotolia

com certa privacidade enquanto frequenta o local. Entretanto, a empolgação típica de nossos dias no mundo virtual faz com que, muitas vezes, o desejo de realizar a primeira postagem sobre a presença de alguém conhecido do grande público em uma programação da igreja gere incômodo à pessoa que só queria ir a um culto e nada mais. Fotos, vídeos e textos sobre tais visitantes precisam passar pelo crivo do bom senso, do respeito à imagem e do direito à privacidade.

Críticas. Criticar uma organização para que ela corrija seus erros é algo muito importante. Contudo, essa atitude deve ser feita de maneira correta e no ambiente apropriado. A crítica pública, feita por

pastores e membros nas redes sociais, pode parecer uma ótima contribuição, mas, efetivamente, não é. Geralmente, essa conduta alimenta raiva, promove discussões infundáveis e poucas vezes resulta em mudanças na organização.

Quer ajudar a Igreja Adventista a ter uma boa reputação? Excelente! Então, seja um bom usuário das redes sociais. Pense antes de postar, avalie o tipo de mensagem que deseja compartilhar, que alcance isso terá e qual será o objetivo. Pese os prós e contras de sua manifestação pública, porque depois que algo é postado, é impossível anular suas consequências. E estas, muitas vezes, prejudicam a imagem

da igreja da qual você e sua família fazem parte. **M**

Referências

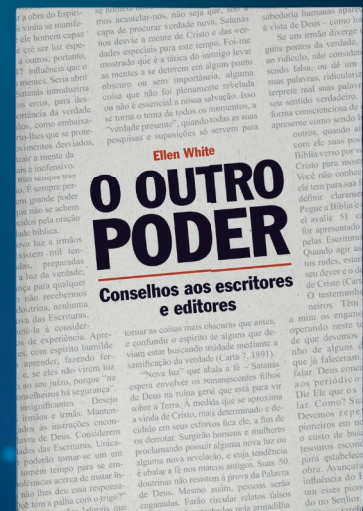
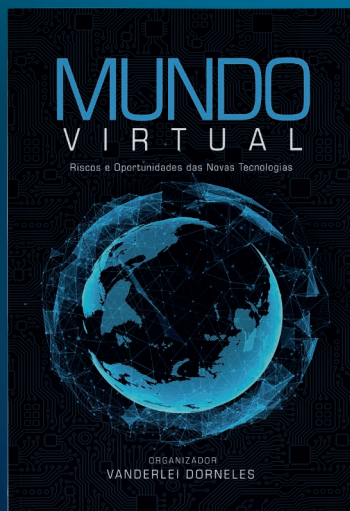
- ¹ Ellen G. White, *Testemunhos Seletos* (Tatuí, SP: CPB, 2008), v. 2, p. 518.
- ² Ellen G. White, *Profetas e Reis* (Tatuí, SP: CPB, 2014), p. 458.
- ³ Eliane Brito e José Carlos Thomaz, "Comunicação Corporativa: Contribuição para a Reputação das Organizações", *Organicom – Revista Brasileira de Comunicação Organizacional e Relações Públicas*, ano 4, n. 7, p. 143.



Felipe Lemos, *mestrando em Comunicação (Universidade Católica de Brasília)*, é gerente da Assessoria de Comunicação da sede sul-americana da Igreja Adventista do Sétimo Dia

Diga-nos o que achou deste artigo: Escreva para ministerio@cpb.com.br ou visite www.facebook.com/revistaministerio

EM UM MUNDO REAL NÃO VIVA DE FORMA SURREAL



MKIT CPB | Fotolia

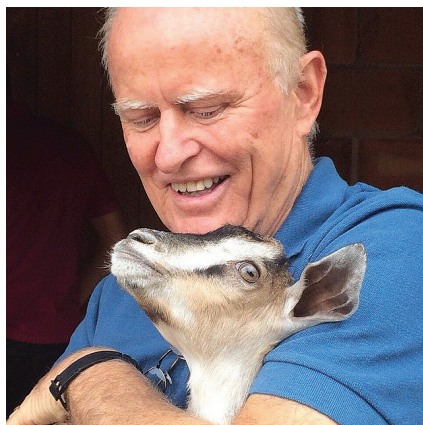
Meu ministério, minha vida

Minha vontade de ser pastor começou ainda na infância. Quando eu tinha dez anos, morava em um bairro rural, numa comunidade alemã predominantemente luterana, entre as cidades de Campinas e Indaiatuba, no estado de São Paulo. Ocasionalmente, o pastor luterano vinha de Campinas para visitar os fiéis de nossa congregação. Como eu conhecia bem a comunidade, sempre o acompanhava nas visitas. Assim, comecei a gostar de visitar as famílias da igreja e de orar por elas.

Tempos depois, aceitei a mensagem adventista e fui batizado. Certo dia, meu pastor me disse: “Você precisa estudar em nosso internato. Você pode ser um pastor.” Eu nem sabia o que era internato, mas a proposta reviveu em mim aquele sonho juvenil.

Em 1969 comecei a estudar no Instituto Adventista Campineiro, atual Unasp campus Hortolândia, de onde saí casado, em 1976, para o Seminário Teológico do Instituto Adventista de Ensino, hoje, Unasp campus São Paulo. Em meus dois últimos anos de IAC, trabalhei no departamento contábil, mas, sentindo o chamado, deixei uma carreira promissora em busca de um sonho: o de ser pastor.

Ruth, minha esposa, era secretária da sede administrativa da Igreja Adventista para o estado de São Paulo. Nossa ideia era que ela continuasse trabalhando enquanto eu estivesse no Seminário, mas Deus tinha outros planos. Então, recebemos um convite para cuidar do Lar de Idosos mantido pela igreja. Após três anos, decidimos deixar a administração da entidade para poder concluir o curso de Teologia em quatro anos. Pouco tempo depois, fui chamado para ser um dos preceptores auxiliares no dormitório masculino do IAE.



Gentileza do autor

Em 1980 concluí meus estudos. Na ocasião, meus dois primeiros filhos, Ellen e Samuel, já haviam nascido, e havia chegado a hora de iniciar uma nova fase de nossa família e de nosso ministério. Uma peculiaridade de minha trajetória é que sempre fui pastor em meu estado natal, São Paulo. Meu primeiro distrito pastoral foi Porto Feliz. Embora tenha ficado apenas um ano ali, tive a oportunidade de plantar quatro igrejas em cidades diferentes. No ano seguinte, 1982, fomos transferidos para Presidente Prudente, do outro lado do estado. Um tremendo desafio! Quatorze igrejas e uma série de dificuldades administrativas. Ainda assim, pude batizar mais de 60 pessoas naquela região.

De Presidente Prudente fui para Avaré e, na sequência, para São João da Boa Vista. Nessa cidade nasceu minha filha mais nova, Kristyellen. Depois, assumi o distrito de Jundiá. Certo dia, enquanto me dirigia a um concílio, fui surpreendido com um chamado para ser preceptor no Instituto Adventista São Paulo (antigo IAC), colégio em que havia começado minha jornada na Obra. Permanecemos ali por dois anos e meio.

Do IASP fomos para Mogi Guaçu, lugar em que mais me senti realizado, pois meus filhos estavam todos conosco, envolvidos com a igreja em atividades como

Desbravadores e grupos musicais. De lá seguimos para Araras e, mais uma vez, fomos surpreendidos com um trabalho diferente. Diante da necessidade de um casal pastoral que cuidasse de um Lar Infantil em Hortolândia, aceitamos o desafio de assumir essa responsabilidade. Foram dois anos envolvidos nesse ministério.

Quando a saudade de pastorear igrejas apertou o coração, recebemos um chamado para assumir o distrito de Indaiatuba. A partir desse retorno, segui meu ministério liderando igrejas até minha jubilação, em 2013.

Não consigo me lembrar de quantas pessoas batizei, mas sempre estive concentrado na missão. Se começasse minha jornada novamente, confiaria mais nas pessoas e delegaria mais trabalho a elas. Deus concede dons maravilhosos aos membros de Sua igreja, e lamento por não ter dado mais atenção a esse assunto. Às vezes, quis fazer tudo sozinho. Discipular, confiar, delegar e motivar, eis o segredo do sucesso!

Infelizmente, pouco antes de completar dois anos de jubilação, perdi minha esposa, a companheira da minha vida, em um trágico acidente de carro. Esse fato me abalou profundamente. Quase à beira da depressão, com ajuda de Deus e o apoio de minha família, fui aos poucos me reerguendo.

Em Sua infinita bondade, o Senhor preparou uma esposa para mim. Atualmente, estou vivendo uma nova fase, ao lado de Marizete. Somos ativos em nossa igreja e, quando sou convidado, vou pregar em outros lugares. Juntos, trabalhamos para apressar a vinda de Cristo. Nosso desejo é que Ele nos encontre ocupados quando voltar. **TM**

Evaldo Krähenbühl mora em Hortolândia, SP

Na hora do adeus

A morte é sempre uma visitante inoportuna e indesejável. Ela alcança de maneira democrática pobres e ricos, cultos e iletrados, atingindo toda a humanidade. Nesse momento de dor, em que familiares e amigos lamentam a perda de um ente querido, o procedimento adequado do ministro responsável pela cerimônia fúnebre se torna essencial.

Atenção à família. Em primeiro lugar, o pastor deve manifestar sua empatia e solidariedade com o sentimento da família, visitando-a imediatamente após receber a notícia do falecimento, colocando-se à disposição para auxiliá-la no que for necessário. Às vezes, porém, em virtude dos procedimentos que envolvem o velório e o sepultamento, a oportunidade para esse contato mais prolongado do oficiante com a família se dá no local em que o corpo está sendo velado.

Sensibilidade. É preciso ter sensibilidade para compreender e respeitar as lágrimas e expressões de dor. As pessoas estão tentando assimilar a nova condição, de como vão seguir a vida adiante sem aquela companhia, sem o marido, a esposa, o filho, a filha, o pai ou a mãe. Nesse momento, o pastor deve oferecer seu companheirismo cristão, que pode se expressar por meio da palavra de alento ou do silêncio solidário. Se ele tinha alguma proximidade ou mesmo amizade com o falecido, será confortador para a família ouvir palavras de apreciação e de sincero lamento pelo ocorrido.

Organização da cerimônia fúnebre. Cabe ao pastor ou ancião organizar os detalhes da cerimônia fúnebre. Em consulta com a família, deve-se estabelecer o

horário em que o culto começará. Se possível, a cerimônia deve terminar pouco antes do momento em que o corpo será conduzido do velório à sepultura. A sequência do culto é simples: introdução, oração, hinos (pode-se cantar alguns hinos favoritos do falecido), biografia, sermão e hino de consolação e esperança.

Sermão. Ao entregar a mensagem, o oficiante deve ter em mente que não é momento de exibicionismo homilético e teológico. Deve-se evitar cair na tentação de usar a cerimônia para doutrinar as pessoas presentes acerca da verdade bíblica sobre o estado dos mortos. O momento é próprio para oferecer o consolo da Palavra e não para ferir crenças pessoais. Após uma cerimônia fúnebre conduzida com respeito e amor cristão, é comum que pessoas sejam despertadas e queiram conhecer melhor a Bíblia, especialmente o que ela diz sobre a vida eterna, a vinda de Cristo e o Céu.

Duração. Com frequência, a cerimônia fúnebre é realizada em lugares nos quais os ouvintes não têm onde se assentar. Em algumas situações, eles se encontram sob o calor do sol ou sob a chuva. Evidentemente, quando o culto é realizado na igreja, as pessoas se encontram em um lugar mais confortável. Contudo, independentemente do local, não é prudente se estender na pregação.

Sepultamento. Nunca é demais lembrar a importância de utilizar devidamente a Bíblia ao apresentar suas passagens mais confortadoras. Junto à sepultura, as palavras de Apocalipse 21:4 serão sempre oportunas: “E lhes enxugará dos olhos toda lágrima, e a morte já não existirá, já não haverá luto, nem pranto, nem dor,



Kzenon / Fotolia

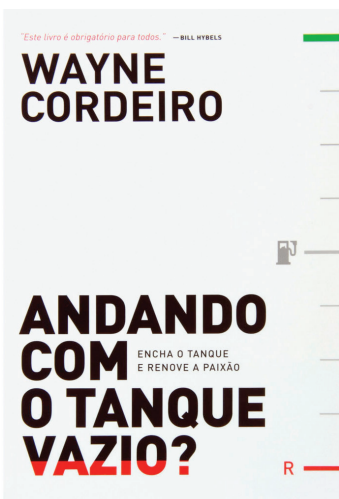
porque as primeiras coisas passaram.” Ocasionalmente, poderá ser conveniente orar de mãos dadas o Pai Nosso com todos os presentes, enfatizando o significado da expressão “venha o Teu reino” proferida na oração. Nessa súplica, encontra-se o anseio pela vinda do Senhor e a consequente vitória obtida por Ele sobre a tirania da morte.

Despedida. Após a cerimônia, o oficiante não deve ter pressa de ir embora. Ele deve demonstrar que esteve ali não somente para cumprir um compromisso religioso, mas para ser portador de esperança e consolo aos enlutados. **TM**



William de Moraes

Alceu Nunes, doutor em Teologia Pastoral (Unasp, EC), é capelão da Casa Publicadora Brasileira



Andando com o Tanque Vazio

Wayne Cordeiro, Vida, 2015, 192 p.

Você já chegou a ponto de perder o entusiasmo pelo que estava fazendo? Liderar quando não havia mais vontade? Em meio às demandas e pressões do ministério, alguns pastores se sentem horríveis, arrastando-se o dia inteiro. Outros agem como um pato que parece calmo na superfície, mas que bate as patas embaixo da linha d'água como louco para se manter flutuando.

Como você tem se sentido nos últimos tempos? Se você é pastor ou líder de igreja, é bem provável que se identifique com a experiência de Wayne Cordeiro. Sentindo-se esmagado pelas exigências do ministério, ele passou por uma jornada de três anos num período de esgotamento extremo, o chamado burnout.

Neste livro, o autor compartilha suas experiências de modo franco, na esperança de que isso ajude outras pessoas que podem estar seguindo pelo mesmo caminho. Ele conseguiu recuperar a vida, voltar ao equilíbrio e permitiu que Deus concedesse novo ânimo em seu ministério.

Andando com o Tanque Vazio contém 11 capítulos, entre os quais: "Quando o ponteiro aponta o zero"; "Primeiros sinais de advertência"; "Sete lições duramente aprendidas" e "Encontrando o caminho de volta para casa". Eles vão ajudar você a superar o desafio do esgotamento e a renovar sua paixão pelo ministério. Aprenda com o autor a desenvolver um pastorado frutífero. Melhor ainda, beneficie-se de seus conselhos e evite o burnout.



Cuidando de quem cuida

Roseli M. Kühnrich de Oliveira, Grafar, 2012, 134 p.

A autora, a psicóloga Roseli de Oliveira, tem ampla experiência no acompanhamento psicológico de líderes cristãos, especialmente de pastores e suas famílias. Nesta obra, ela une sua experiência de consultório com a investigação bibliográfica e a enriquece com entrevistas com pessoas que exercem o ministério na igreja. Sua abordagem é cuidadosa, de tal maneira que Psicologia e Teologia, razão e emoção, combinam-se na dose certa.

Partindo do conceito de cuidado teológico e psicológico, Roseli de Oliveira se aprofunda nos enredos da vida pastoral, no descuido como o inverso do cuidado, coletando declarações e investigando teorias. A questão é complexa, e a autora nos ajuda a navegar pelas contribuições das várias ciências, com maestria e profundidade. Seu livro traz reflexões que alertam sobre a resistência ao tratamento do estresse, que culmina com a síndrome de burnout, e convida todos os que cuidam de outras pessoas a repensar a forma de tratar a si mesmos.



<http://pastor.adventistas.org>

Os lírios não se cansam

Faz algum tempo, participei de uma assembleia denominacional em algum lugar da América do Sul. Os sintomas de esgotamento pastoral saltavam à vista, não somente no rosto, mas também no corpo de muitos de nossos colegas. O esgotamento pastoral é uma realidade que se manifesta de diversas formas e em diferentes áreas do ministério, e que atinge grande porcentagem de pastores em terras sul-americanas.

Estamos tão rodeados de expectativas que nos preocupamos muito se não estivermos à altura dos objetivos e alvos que nos são propostos. Certamente, boa parte do esgotamento pastoral é proveniente das preocupações em alcançar expectativas próprias ou alheias.

A preocupação de não estar à altura das circunstâncias, de não ferir ninguém ou de não alcançar as elevadas metas que impusemos a nós mesmos se transforma em uma carga pesada a longo prazo. Os aspectos físico, mental e social acabam nos cobrando um preço elevado. Ficamos exaustos ao querer engrossar cada vez mais a lista de nossos desafios ou por temer não alcançar o mínimo que se espera de nós.

Tão simples quanto pareça, a receita para o esgotamento pastoral se encontra no Sermão do Monte:

“Portanto, Minha palavra é a seguinte: Não fiquem preocupados a respeito de coisas: com a própria vida, quanto ao que comer ou beber, nem com seu próprio corpo, quanto ao que vestir. Não é a vida mais importante do que a comida, e o corpo mais importante que a roupa? Olhem os passarinhos no céu! Eles não se preocupam com a comida; eles não precisam semear, nem colher, ou guardar a comida em depósitos, pois o Pai celeste os alimenta. Será que vocês não valem muito mais do que os passarinhos? Será que com todas as preocupações juntas poderão acrescentar um único momento à vida de vocês? E por que ficar preocupados com a roupa? Olhem os lírios do campo! Eles não trabalham nem tecem. No entanto, nem o rei Salomão, em toda a sua glória, se vestiu como qualquer um deles. Se Deus cuida tão maravilhosamente das flores, que hoje estão aqui e amanhã já desaparecem,

será que Ele não vai, com toda a certeza, cuidar de vocês, gente de pequena fé? Portanto não se preocupem de forma alguma com a necessidade de comida ou bebida ou com a roupa. Não sejam como os pagãos! Pois eles é que têm intenso interesse nessas coisas. Mas o Pai celeste sabe muito bem que vocês precisam delas. Coloquem, pois, em primeiro lugar o Reino de Deus e a Sua justiça, e Ele dará a vocês todas essas coisas” (Mt 6:25-33, *Nova Bíblia Viva*).

Se Deus Se preocupa com as flores e os pássaros, não Se preocupará muito mais com aqueles que fez à Sua própria imagem? Dessa maneira, a doutrina da Criação ensina descanso ao pastor. Será que o Senhor unguiria e dotaria Seus servos para depois abandoná-los? Quem poderia estar mais comprometido com o bem-estar da igreja do que Aquele que deu Sua vida por ela? O bem-estar da igreja não é tarefa do pastor: é promessa do Senhor. O trabalho do pastor é simplesmente usar seus dons, dados por Deus, no ministério evangélico.

Jesus também lembrou Seus ouvintes de que eles têm um Pai que conhece suas necessidades e Se ocupa em satisfazê-las. Além dEle, ninguém sabe melhor do que necessitamos.

O problema do excesso de trabalho (causa do esgotamento), segundo Jesus, pode derivar da nossa falta de fé. Queremos suprir com nossa sabedoria e agitação a falta de confiança em Deus. Longe de ser indolentes, quando aprendemos a descansar em nosso Pai celestial, Ele se encarrega de que coloquemos nossos esforços no que realmente conta, e deixemos os resultados com Ele.

A mordomia de nosso tempo, nossa mente, nosso corpo e nossa família começa colocando Deus em primeiro lugar. Quando Deus é o primeiro, o esgotamento desaparece. **M**



O bem-estar da igreja não é tarefa do pastor: é promessa do Senhor.”



gentiliza do autor

Marcos Blanco, doutorando em Teologia (Adventist International Institute of Advanced Studies), é editor da revista *Ministerio*, edição em espanhol

CAMINHO A CRISTO

HÁ 125 ANOS TRANSFORMANDO VIDAS



NOVO
FORMATO &
ILUSTRADO

Agora com um lindo
box comemorativo
para você adquirir e
presentear.

“Se nos voltarmos para Deus tal como somos, convencidos do nosso desamparo e dependência; se, com humildade e confiante fé, levarmos nossas necessidades Àquele cujo conhecimento é infinito, [...] Ele atenderá nosso clamor e fará com que Sua luz brilhe em nosso coração” (p. 96).

Ellen G. White

cpb.com.br | 0800-9790606 | CPB livraria | WhatsApp 15 98100-5073
SMS - Envie a mensagem CPBLIGA para o número 28908

f i t y
/casapublicadora